

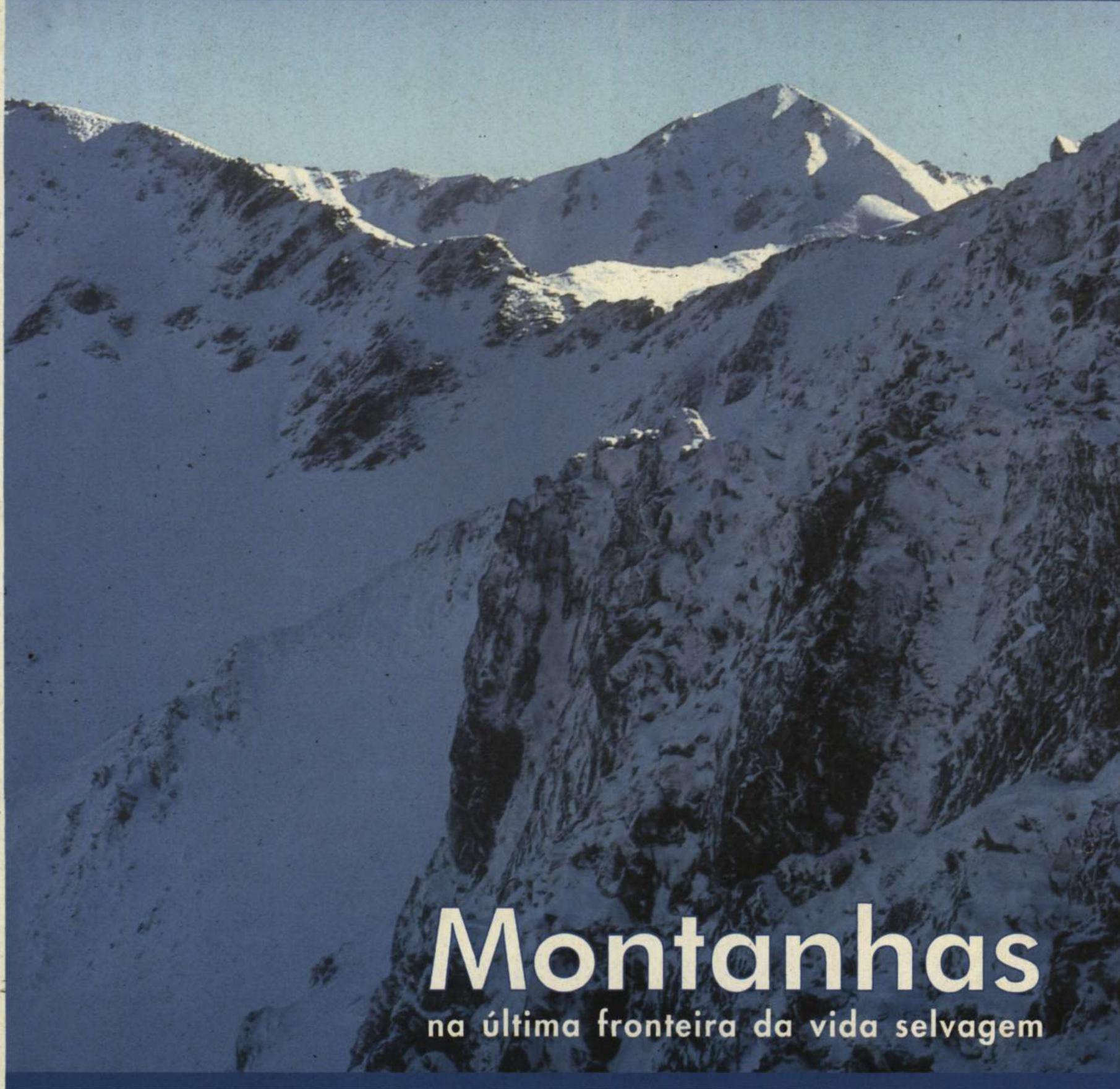
TRIBUNA DA

N.º 10 Primavera 2002

NA NATUREZA

A VIDA SELVAGEM NAS QUATRO ESTAÇÕES

Ano 3 • Publicação Trimestral de Conservação da Natureza • 2,5 Euros



Montanhas

na última fronteira da vida selvagem

Félix Rodríguez de La Fuente
Uma vida pela natureza

O regresso do
Caimão



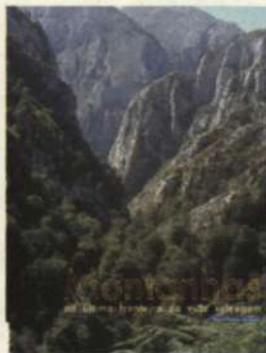
Rela-meridional (*Hyla meridionalis*)

em destaque

Montanhas

No ano internacional que lhes é dedicado, vale a pena evocar as montanhas, pela sua beleza e grandeza, e por serem um refúgio magnífico para uma vida selvagem múltipla e ameaçada.

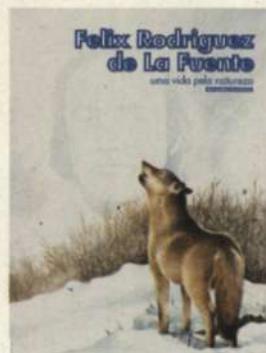
Pág. 4 a 7



Félix Rodriguez de La Fuente

Marcou uma geração e continua a fazê-lo, com as imagens e as palavras que deixou. Em memória de um apaixonado pela natureza viva.

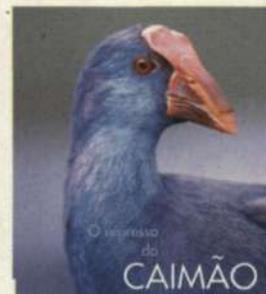
Pág. 16 a 18



O regresso do Caimão

É difícil imaginar ave mais bela e chamativa, de um azul que ainda ajuda a colorir algumas zonas húmidas portuguesas. Contra a inércia feita regra, há quem trabalhe para a devolver a locais onde já viveu.

Pág. 20 e 21



Director:

Miguel Dantas da Gama

Redacção:

Bernardino Guimarães - Editor
Raul Lima - Redactor Principal
Paulo Caetano - Redactor Principal
Alexandra Cerveira Pinto S. Lima
Francisco Álvares
João Carlos Claro
João Cosme Matos
João Loureiro
Luís Rodrigues
Miguel Barbosa
Paulo Santos
Serafim Riem

Concepção criativa:

Gonçalo Geraldês Cardoso

Ilustrações:

José Projecto

Projectos especiais:

Cristina Dordio Gomes

Assinaturas/publicidade:

Susana Sousa

Colaboraram neste número:

Alfonso Hartasánchez
Helena Freitas
J. Dias Marques
Luísa Marques

Publicação independente aberta a pessoas e instituições que se dedicam ao estudo e à defesa da vida selvagem. Tribuna da Natureza não é responsável pelas opiniões dos seus colaboradores quando manifestadas em textos devidamente assinados.

Edição e propriedade:

FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens

Registo ICS:

nº 123453

Depósito Legal:

nº 146895/00

Tiragem:

3000 exemplares

Execução Gráfica:

Gráfica Claret

Endereço:

Rua Alexandre Herculano, 371 - 4º Andar Dto. - 4000-055 PORTO
Tel. 22 200 24 72 - Fax 22 208 74 55
E-mail: fapas@mail.esoterica.pt
www.fapas.pt

Capa:

Cordilheira Cantábrica - Miguel Dantas da Gama



Editorial



A propósito do Ano Internacional das Montanhas

No que se refere a montanhas Portugal não foi muito bafejado pela sorte. Basta olhar para a nossa vizinha Espanha para facilmente constatar como são pouco extensos e discretos os contornos dos nossos espaços serranos.

Este facto – sinónimo de uma maior acessibilidade e menor aspereza do clima – explica bem por que no nosso país se perderam ou ameaçaram mais rapidamente algumas espécies animais a quem fomos subtraindo espaço e degradando habitats.

É uma constatação que não permite no entanto desvalorizar o património natural que as nossas Serras ainda ostentam, parte maioritária do território que em Portugal está classificado pela Tutela do Ambiente. Mais despovoadas e afastadas dos centros decisores foram apesar de tudo as menos maltratadas, principalmente no que diz respeito à sua ocupação por infraestruturas.

Foram!

Neste Ano Internacional das Montanhas urge alertar para o facto de a situação se estar a alterar rapidamente. Principalmente no litoral mas também um pouco por todo o país fizeram-se estragos monumentais (auto-estradas rasgadas a direito, pedreiras causadoras de danos irreparáveis, indústrias instaladas em zonas residenciais, condomínios construídos em terrenos agrícolas, em reservas ecológicas, sobre praias, quase nas dunas, etc, etc), e hoje é comparando com estes verdadeiros desastres que se justificam projectos – desta forma “esverdeados” – deitando mão aos últimos redutos (ainda) não irreversivelmente perdidos. Partindo-se de pressupostos errados, alimenta-se um discurso desconcertante que a todo o momento põe tudo em causa.

Depois da pressão das mini-hídricas no fundo dos vales, são agora os parques eólicos nos cumes das Serras. No mais “remoto” metro quadrado das maltratadas áreas protegidas portuguesas! E o que virá a seguir?

Pelo que já se dissertou na **Tribuna da Natureza** sobre o tema, fica claro que não estamos contra os parques eólicos. Estamos é a favor do melhor das áreas protegidas, o que cada vez mais parece ser inconciliável atendendo à explosão de projectos que pouco ou quase nada pretendem deixar a salvo! É intolerável argumentar com o seu “interesse público” para justificar a instalação às vezes de um único aerogerador... privado! Neste contexto quase me sinto constrangido a evocar o interesse público dos espaços naturais portugueses!

Quanto custou a aprovação dos planos de ordenamento dos nossos parques e reservas? Muito, se atendermos a que em poucos o processo que a ela conduz foi concluído. E

nos casos em que tal se conseguiu, a pergunta que se coloca é: para quê?

Neste nosso país paisagisticamente vilipendiado é preciso garantir – enquanto é tempo - que alguns escassos espaços fiquem libertos de intervenções que de uma forma ou de outra os desfiguram. Parece-me uma justificação tão óbvia e justa que casos há em que mais não deveria ser necessário evocar para impedir a sua delapidação.

Definiu-se a Rede Natura, atribuíram-se estatutos especiais a certas zonas para protecção das aves e dos habitats. Resulta inadmissível o Estado não ter definido já a rede de espaços onde à partida esteja interdita qualquer intervenção, contrariando de uma forma definitiva cada nova investida de projectos, uns mais “verdes” outros de maior “interesse público”! Anular-se-iam expectativas geradoras de conflitos que alimentam processos sinuosos que quase sempre redundam na tomada da posse pretendida pelos promotores dos projectos (consórcios privados, autarquias,...) e, conseqüentemente, no prejuízo da conservação da natureza.

Neste ano também dedicado às nossas Serras denunciámos o assalto aos seus melhores redutos. É o mais interessante que deles resta que está agora em causa. **N**

Miguel Dantas da Gama

Barómetro da estação

A esperança com que se encara o futuro da população de foga-monge na Madeira, por nós destacada no último Inverno, e o “*Regresso do Caimão*”, com que insistimos no mesmo sentido nesta Primavera da **Tribuna da Natureza**, contrariam a Tempestade que não tem poupado o nosso barómetro.

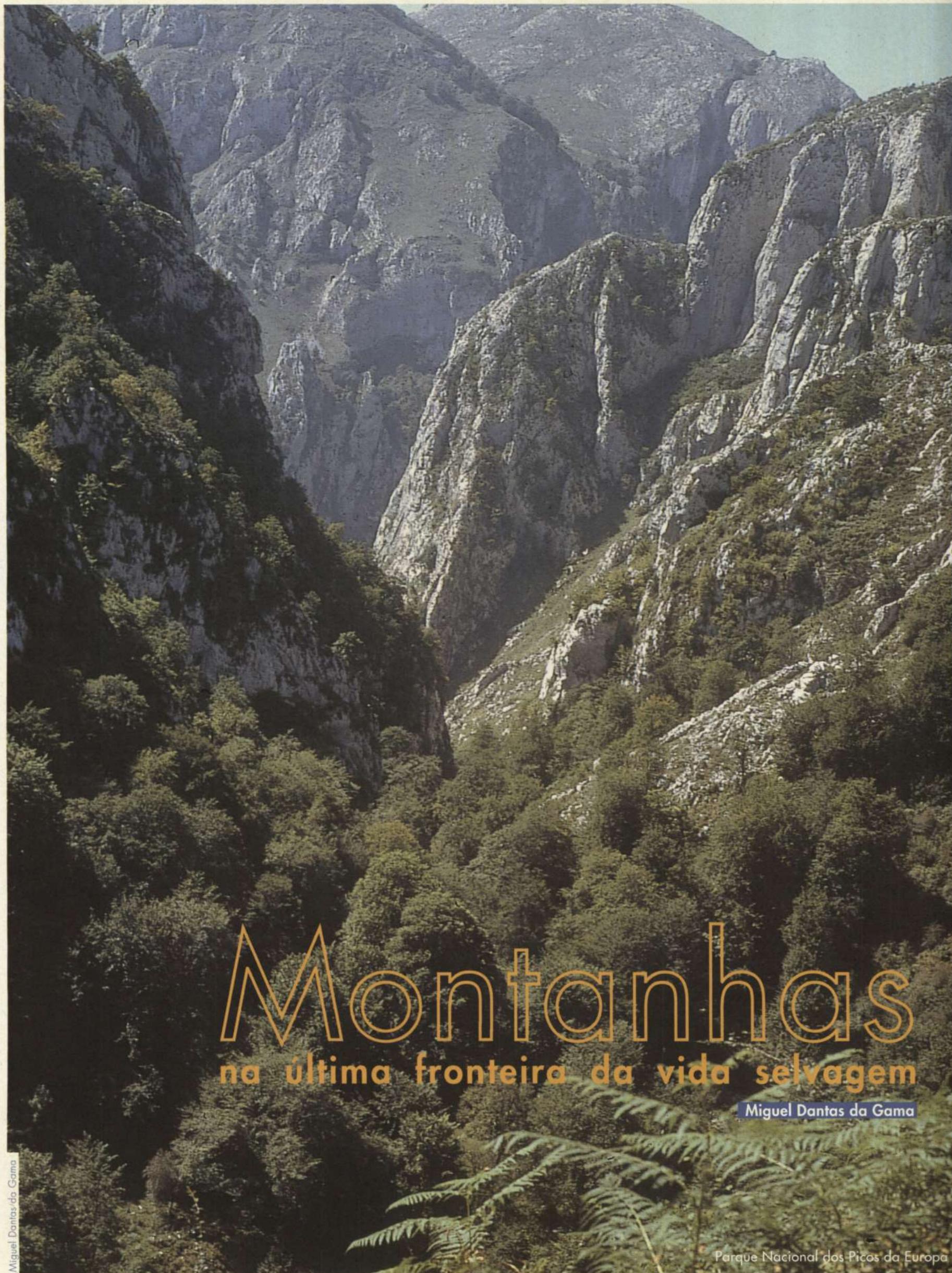
Bom tempo?

Ainda bem, porque revelam aquilo que devemos e gostamos de reafirmar: nos organismos oficiais que tanto criticamos, existem bons técnicos, com vontade de trabalhar em verdadeiros projectos de conservação da natureza.

Que estas excepções se transformassem na regra é algo em que gostaríamos de acreditar. Mas como, perante decisões de conseqüências tão devastadoras como as que se abatem sobre o Alqueva?

M. D. G.





Montanhas

na última fronteira da vida selvagem

Miguel Dantas da Gama

Miguel Dantas da Gama

Parque Nacional dos Picos da Europa



A elas associa a Natureza no seu estado mais puro. Selvagem, grandiosa, bela, misteriosa, imprevisível e, sempre, surpreendentemente diferente.

A montanha é desafiante sempre que o quisermos. Invencível sempre que ela o queira, se ignorantemente encarada como uma simples cadeia de apelativas paredes rochosas favoráveis ao acicate da adrenalina. Não respeitando o complexo sistema vivo de equilíbrios progressivamente fragilizados que ela encerra, a invencibilidade não passa de um mito, também ele incapaz de sustentar a delapidação e, portanto, a perda de tão importantes ecossistemas.

A grande concentração humana nas zonas costeiras, nas margens dos grandes cursos de água, nas terras baixas, mais férteis e de climas mais amenos, foi empurrando a vida selvagem para cotas superiores. O recuo dos glaciares e o aquecimento global vão tomando a proximidade dos cumes o último refúgio principalmente para as espécies vegetais e animais que nos restam da última glaciação.

Mas num mundo repleto de gente, cada vez mais amontoada e imersa em ruído, poluição e conflitos, as montanhas emergem como o contraponto, a liberdade, o escape e a transparência que hoje já quase só se sentem no isolamento da altitude. Também por isso a elas ocorrem solitários aventureiros e desportistas movidos pelo desejo de uma conquista que só pára no topo dos "quase nove mil" do cume do Everest. Para grupos de dimensão variável constroem-se programas animados por agências de aventura e de turismo de natureza surgidas um pouco por todo o mundo. Já não há barreiras. Aos locais mais recônditos do nosso planeta, "encolhido" pelo progressivo encurtamento de distâncias e de tempos, é atraído um novo turismo seduzido pelos "parques nacionais" e outros "paraísos da biosfera", classificados para preservar uma Natureza que muitas vezes talvez nada perdesse em não beneficiar de tão oportunas e sugestivas atribuições. Nas ciclónicas paragens das Torres del Paine na "longínqua" Patagónia, no Denali do gélido Alaska, nos tectos supremos do Nepal e do Tibete na mais alta cordilheira do Himalaia, nos africanos Atlas, Montes Virunga e Killimanjaro, nas asiáticas cadeias de montanhas do Paquistão e do Afeganistão, ou nas mais próximas cordilheiras pirenaica

e alpina, populações encurraladas de condores, ursos, lobos, gorilas ou quebra-ossos cruzam-se crescentemente com o Homem - mas nem sempre quando este se descomprime em vigorosos "trekings" ou solitárias escaladas. Para muitas destas montanhas a nossa espécie faz-se acompanhar daquilo de que diz fugir, ou seja, dá largas à imaginação naquilo que melhor sabe fazer: alterar o Meio, construindo - por exemplo, pistas de esqui, mortíferas para a fauna selvagem - e destruindo, até com guerras a que nem as montanhas são poupadas. Que o digam o galo-montês na Europa, no primeiro caso, e os gorilas da montanha no Ruanda, no segundo.

A pressão do Homem sobre os estrategicamente importantes ecossistemas de montanha aumenta. Lutar pela conservação destes espaços naturais é tentar impedir que muitas espécies vegetais e animais desapareçam da face da Terra. É um desígnio que no mínimo se deve lembrar neste Ano Internacional das Montanhas.

Nas brumas dos canhões de montanha...

As regiões montanhosas definem-se pelo desnível, pela diferença de altitudes que mais ou menos abruptamente promovem a diversidade dos ecossistemas naturais que aí evoluem. Quanto maior for este desnível mais ampla é a variação dos nichos ecológicos e consequentemente mais evidente se torna a variedade das espécies vivas e seus habitats.

A montanha é uma sucessão de vales e cumes. Quanto mais profundos forem os primeiros mais proeminentes se revelam os segundos. E quando as depressões suaves se transformam em ravinas, desfiladeiros ou, numa situação extrema, em profundos canhões, a montanha, mais inacessível e vertiginosa, revela então toda a sua grandeza e imponência.

Mergulhemos nestes últimos redutos, divagando sobre imagens e sensações trazidas de sucessivas incursões nos mais impressionantes canhões das Serras Ibéricas.

Um canhão é o resultado dos efeitos erosivos da água, primeiro no estado sólido, mais tarde no estado líquido. A progressão dos glaciares moldou vales amplos, grandiosos anfiteatros. Ao seu recuo sucederam-



Miguel Dantas da Gama

Hayedo cantábrico envolto em nevoeiro, ao cair da tarde





Miguel Dantas da Gama

Inverno de 2002

-se cursos de água torrenciais que pacientemente foram cavando e aprofundando depressões, verticalizando as paredes que as limitam. A natureza diversa das rochas e dos solos contribuíram para a definição das diferentes formas ciclópicas adquiridas pelos canhões de pedra após milhões de anos de evolução.

O bosque caducifólio ocupa a sua base onde normalmente um relevo acidentado favorece mudanças bruscas de exposição proporcionando o surgimento de microclimas. Esta particularidade promove uma maior diversidade de espécies selvagens, permitindo adicionar ao conjunto de plantas e animais mais vulgares raridades tanto botânicas como faunísticas. O curso de água principal e os seus afluentes torrenciais que quase sempre atravessam um vale profundo de montanha criam condições para o surgimento de espécies ripícolas como, nas plantas, o freixo, o amieiro, o choupo, e, nos animais, a lontra e o melro-d'água. Não muito longe podem ocorrer espécies mais raras como o azevinho e o teixo. À medida que nos elevamos no vale, as árvores de folha caduca - entre as quais se evidenciam diferentes espécies de carvalhos, a aveleira, o castanheiro, a faia e o vidoeiro - vão cedendo lugar aos bosques de coníferas maioritariamente compostos por pinheiros e abetos. Primeiro misturam-se, depois deixam as espécies de folhagem perene subir isoladas. Atingindo o cimo da encosta verificamos que a falha que constitui o canhão é uma interrupção natural dos prados de altitude cortados abruptamente pelas paredes do desfiladeiro, o reino dominado por marmotas e quebra-ossos. Mais acima o céu é tocado pelas agulhas dos cumes das Serras que normalmente definem a "média montanha" e que neste caso excedem um pouco os três mil metros, cota abaixo da qual a vida selvagem mais se revela.

... perdidos num ecossistema vertical...

Um canhão é um ecossistema vertical percorrido transversalmente por algumas espécies faunísticas. O urso-pardo, por exemplo, alimenta-se muitas vezes no bosque mas, com o degelo da Primavera, fixa-

- se ciclicamente a maiores altitudes para pastar. Uma situação idêntica se passa com a cabra-montês: dependendo essencialmente das encostas escarpadas e nuas, não raramente desce à espessura florestal quando as temperaturas baixam e as geleiras vidram as lages muito polidas pela intempérie.

O relevo abrupto de um desfiladeiro profundo torna-o no espaço mais rico da montanha, um local propício a variações bruscas dos habitats, das condições atmosféricas e até do estado de espírito de quem os percorre. A inacessibilidade de alguns patamares naturais que a evolução geológica fez surgir entre secções das suas paredes de grande inclinação, torna-os redutos virgens que o homem normalmente não alcança. Abordamos um mundo de contrastes onde se experimentam sensações múltiplas por vezes contraditórias. A vertigem do abismo; o bréu misterioso, em pleno dia, de uma fenda por onde a água se escapa ou de uma cova onde o urso hiberna; o arrepio do contacto com a água gélida no curso fluvial das profundezas da depressão; as alterações sucessivas do estado do tempo à medida que progredimos. A neve nos cumes, o sol intenso - porque menos filtrado - nas planuras de altitude, o vento cortante dos colados e portelas onde por vezes só aí a passagem é possível, o gelo nas sombras perenes, o nevoeiro tão denso quanto repentino, por vezes até fatal quando não se domina o caminho que se trilha. Mas se algo muda radicalmente no canhão ao longo de um mesmo dia é a luz, um dos factores que favorece a magia, o mistério e a grandeza de um desfiladeiro de montanha. Por vezes esta variação é tão intensa que nos faz questionar se o local que atravessámos ao pôr-do-sol foi o mesmo que percorremos em sentido contrário ao raiar do dia. Assistir ao cair da tarde num dia de Outono, do parapeito de uma escarpa apenas se revela comparável ao nascer do Sol no topo da parede oposta. O vermelho dourado reflectido pela parte superior das paredes verticais batidas pelo sol rasante do fim da tarde contrasta com a (já) penumbra do abismo de onde sobressaem, em contraluz, as copas das árvores de maior



porte sobre um fundo cinzento-azulado adquirido por uma sucessão de contornos das encostas que se sucedem em último plano. Por esta altura camurças e corços surpreendem-se mais facilmente. É uma hora mágica onde a vida atinge o climax. Um momento de transição em que os seres de hábitos diurnos esmorecem, dando lugar aos sons inconfundíveis e misteriosos da fauna que se movimenta de noite. Os gritos repetidos na ruidosa colónia de gralhas-de-bico-vermelho cedem a vez ao pio melancólico da coruja-do-mato que neste cenário ainda se torna mais belo e profundo. É chegado o momento do lobo se levantar da sua cama para iniciar o percurso normalmente percorrido. Ao longo de grande parte da noite, o nobre predador vai marcar o seu território.

Se as variações da luz solar impressionam o canhão de uma forma sublime, a proximidade e a extensão das paredes que o definem ampliam qualquer som que se gere ou penetre por entre elas. É dominador o ruído de uma queda de água ao precipitar-se de dezenas ou até centenas de metros de altura. Impressiona a variação brusca da velocidade com que esta se move ao longo da base da ravina, ora calma nos troços amplos, ora tumultuosa nos rápidos em que o leito é estrangulado. Um desmoronamento de pedras ou uma avalanche de neve pode levar-nos da admiração ao pânico. Mas mais frequente e não menos impressionante é uma tempestade de Verão a ecoar neste cenário, um espectáculo de luz e de som que nos faz sentir insignificantes.

A variação do coberto vegetal com a altitude, torna-se mais evidente no Outono, altura em que a policromia do bosque caducifólio contrasta com o verde eterno das árvores de folha persistente. Um cenário que um canhão condensa nas paredes que o limitam como nenhum outro espaço natural.

A grandiosidade, a imponência e o mistério são atributos e sensações perceptíveis de forma diversa consoante o modo como nos colocamos num vale profundo de montanha. Quando movidos pelo estudo e pela observação da vida selvagem nestes ecossistemas verticais, o interesse cresce a partir dos bordos do desfiladeiro. Daqui têm-se uma perspectiva global da montanha.

... ao encontro do grande protagonista

Os cumes acima de nós dão dimensão à arte que se estende sob os nossos pés. Penetrando no canhão entramos nela. É-nos concedida uma perspectiva abrangente perante um cenário que se mantém grandioso, mas admirado já bem do interior do mundo que faz dele um ecossistema singular. Situamo-nos acima do habitat da maior parte dos mamíferos e das copas arbóreas do bosque mais denso, mas sob os céus em que evoluem as grandes aves de rapina entre as quais se destaca a mais poderosa águia-real cuja passagem emudece todos aqueles que, com justificadas razões, mais a temem. Estamos também abaixo do mundo vertiginoso da cabra-montês que constantemente parece desafiar o abismo, abeirando-se dele para além do que nos parece razoável e fazendo-nos sentir a vertigem a que ela se mostra imune. Um silvo, um sopro de ar momentâneo, pode significar a passagem próxima de um falcão-peregrino numa fulminante precipitação sobre um pombo-torcaz ou qualquer outra presa incauta.

Estamos então com a arte. Continuando a descer acercamo-nos do artista. O rio é o autor que pacientemente continua a cavar, aprofundando o abismo por entre paredes que nos comprimem de uma forma crescente à medida que o curso de água fica mais próximo. O bosque, aqui melhor protegido do fogo pela pedra alcantilada, é adensado por árvores enormes, centenárias, algumas em decomposição. Por entre elas, num ambiente húmido de cheiros intensos, ecoam sons raros de petos-negros ou até de galos-monteses, quando o grande galináceo desce das encostas mais frias, seu habitat preferido, procurando um recanto na maior espessura florestal onde se entrega a ardentes e sonoras paradas nupciais. O sentimento que constantemente nos persegue é o de que qualquer coisa de estranho nos pode a todo o momento surpreender. Já na margem do rio, finalmente na base do canhão, o ambiente é restrito, esmagador, por



Miguel Dantas da Gama

vezes sufocante. O espaço é mais estranho, menos luminoso, mais compacto, menos acessível, mais remoto. Sentimo-nos mais longe de tudo, a montanha foi crescendo, é enorme como nunca. Nos troços em que o rio o consente, o silêncio quase nos atordoa, quando se impõe de uma forma absoluta.

Daqui já não vemos os cumes, nem tão pouco os prados desarborizados. Apenas paredes a pique, estaladas por linhas de água que se despenham com fragor também na vertical, visualmente estranguladas por vegetação que sempre que pode teima em subir à procura do Sol que não consegue entrar em muitas das reentrâncias.

Atravessamos um mundo único, onde os momentos especiais - não muitos, há que o reconhecer alertando assim os mais impacientes - criados por um avistamento de uma espécie rara, durante anos imaginado, ou até por um som que nem sempre se explica à primeira, são a ponta do-icebergue que constantemente nos arrasta para o seu interior. Momentos cuja grandeza cresce com o conhecimento que dele adquirimos através de uma persistente aproximação. O mesmo sucede com a percepção do quão importante se revela preservar, não apenas as mais profundas e inacessíveis depressões que aqui percorremos mas toda a Montanha em que se refugia esta biodiversidade vegetal e animal e que a cobre com a maior das grandezas.

Grandeza muitas vezes sinónimo de dureza para quem as procura e atravessa com insistência, sugerindo uma invencibilidade que não se confirma na fragilidade com que se confrontam estes mundos selvagens que tanto admiramos mas, muitas vezes inadvertidamente, fazemos perder. Na última fronteira da vida selvagem. ■



Valorize as suas saídas de campo, aproxime-se da Natureza



❖ **Leia a Vida Selvagem**
nos nossos guias e manuais de campo,
estudos e outras publicações

❖ **Títulos disponíveis:**

- Aves de Portugal e Europa - 3ª edição (€ 25)
- Anfíbios e répteis de Portugal (€ 24,94)
- Mamíferos de Portugal e Europa (€ 24,44)
- O galo-montês, regresso ao Gerês (€ 4,74)
- A casa-ninho (€ 14,47)
- A poda das árvores ornamentais (€ 19,45)
- Trilhas de interpretação da natureza (€ 1,25)
- O pequeno guia dos morcegos (€ 1,25)
- O pequeno guia das andorinhas e andorinhões (€ 1,25)
- A escola ajuda a fauna autóctone (€ 1,25)



Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens
R. Alexandre Herculano, 371,
4º Dtº - 4000-055 Porto
Tel. 22 2002472 - Fax 22 2087455
e-mail: fapas@mail.esoterica.pt



O AMBIENTE, A AGRICULTURA E A

Conservação da **Natureza**

Helena Freitas*

A necessidade de conciliar as práticas agrícolas com a conservação da natureza é geralmente bem aceite. Todos reconhecemos a importância de um certo tipo de agricultura para a conservação da natureza; das paisagens, aos habitats e às espécies. Apesar deste reconhecimento consensual, continuamos a assistir a um total desencontro entre as orientações das políticas agrícola e de conservação da natureza, verificando-se, mesmo, um acentuado antagonismo em demasiadas situações. Esta falta de entendimento tem conduzido a entidade responsável pela conservação da natureza a um beco sem saída, pela falta de instrumentos e meios de gestão do território sobre o qual é responsável, e pela falta de apoio de uma parte relevante dos seus interlocutores e tem, por outro lado, conduzido a agricultura a outro beco sem saída, pela falta de orientação estratégica, ordenamento e desenvolvimento sustentável. A gestão de uma importante fatia do território depende pois, de uma grave desarticulação entre os componentes de uma rica manta de retalhos.

As mais recentes orientações da Política Agrícola Comum (PAC) e a concretização e êxito da rede Natura 2000 - que inclui quase 22% do território nacional em que a actividade agrícola é predominante - exigem uma eficaz coordenação, preferencialmente formal, entre os Ministérios da Agricultura e do Ambiente, em particular entre os organismos responsáveis pela Conservação da Natureza e pelo Desenvolvimento Rural. Esta deve ser uma orientação firme das políticas agrícolas e conservacionistas, sob pena de perdermos aceleradamente os valores naturais que ainda temos, ao mesmo tempo que deixarmos escapar a utilização rigorosa e sensata dos instrumentos financeiros disponíveis para este fim no espaço europeu.

Vale a pena enfatizar que, na Europa, a sensibilidade para estas questões é elevada, sendo muito provável que a conjuntura política e financeira se mantenha favorável à valorização ambiental da actividade agrícola. Mais de 3/4 do solo europeu é agrícola ou florestado; globalmente, a União Europeia tem cerca de 44% de solo classificado para uso agrícola, variando de 10% na Suécia e Finlândia, até 80% na Irlanda.

A reforma da PAC reforça a incorporação dos valores ambientais, sendo as medidas agro-ambientais uma componente obrigatória dos programas de

desenvolvimento rural. Além disso, a própria conservação da biodiversidade é uma preocupação explícita nas reformas da Agenda 2000. Mas não é possível responder a estes desafios sem a consciência muito clara da oportunidade de desenvolvimento que representam. É preciso promover a valorização ambiental das práticas agrícolas, aproveitando instrumentos como as medidas agro-ambientais mas apoiando a sua implementação num correcto e rigoroso planeamento. É por isso urgente preparar mais planos zonais e para a execução desta tarefa seria indispensável uma articulação institucional entre os Ministérios do Ambiente e da Agricultura.

Em termos da rede Natura 2000, são muitas as preocupações que os novos tempos e a nova conjuntura social, económica e demográfica implicam para a conservação da natureza, particularmente nos sítios classificados para integrar esta rede ecológica europeia. O abandono da agricultura tradicional, a intensificação do pastoreio e da exploração florestal e o abandono da actividade rural são algumas das ameaças à conservação destes sítios e dos seus valores naturais. Estes são argumentos adicionais para que se promovam políticas conjuntas para a gestão destas áreas.

Nas zonas de montanha, tema principal deste número da Tribuna da Natureza, a necessidade de conciliar os interesses das práticas agrícolas e conservacionistas faz-se sentir de uma forma muito evidente. Com efeito, a conservação dos valores naturais nas montanhas de Portugal depende muito da manutenção da actividade agrícola e do pastoreio; mas hoje, a conservação destas áreas é um problema complexo, em particular devido ao abandono destas actividades. O que acaba por acontecer é que, quando o fogo não intervém como factor de regressão, e porque raramente há alteração/conversão do uso do solo nestas zonas, a sucessão ecológica evolui, e perde-se, gradualmente, a biodiversidade característica das etapas intermédias em que tais práticas mantinham a sucessão. Não é pois fácil, hoje, a conservação da natureza nas montanhas de Portugal. Os seus protagonistas abandonaram-nas e ainda não estudámos alternativas. Julgo que estas zonas poderiam ser as primeiras a ser incluídas numa nova estratégia conservacionista, integrada e com gestão regional. ■

* Dirigente da Liga para a Protecção da Natureza



J. Cosme Matos

Raposa





Miguel Dantas da Gama

Um dia na montanha com Alfonso Hartasánchez

Miguel Barbosa*

Desde há mais de 15 anos a viver num dos principais vales ursinos da Cordilheira Cantábrica, Alfonso Hartasánchez, membro do FAPAS asturiano, é um dos maiores conhecedores da biologia do Urso-Pardo Cantábrico. A **Tribuna da Natureza** teve o privilégio de o acompanhar numa das suas saídas de campo. Aqui fica o relato de um dia inesquecível...

Encontrámo-nos com Alfonso na sua casa, localizada na vertente Ocidental da Cordilheira Cantábrica, numa bela manhã de Fevereiro. Os cumes das montanhas mais próximas encontravam-se nevados mas o dia estava anormalmente quente.

- "É o pior que pode acontecer aos ursos!" queixou-se Alfonso "Se as condições meteorológicas se mantivessem agrestes os ursos hibernariam sem interrupção, mas hoje, com a temperatura relativamente elevada, o mais provável é que saiam das suas covas e não encontrem nada para comer."

A facilidade com que, principalmente os machos, interrompem a hibernação quando há uma melhoria do estado de tempo, e depois, com o regresso das neves voltam a hibernar, é uma das particularidades do comportamento do urso-pardo (*Ursus arctos*) Cantábrico que este membro do FAPAS ajudou a desvendar. Outras informações como a ocupação do território, o regime alimentar e até a identificação individual dos plantigrados que habitam nestas montanhas, são resultado de um trabalho de anos, feito de entrega e persistência.

- "Anualmente gasto 3 pares de botas" conta-nos o naturalista. "Saio em média 4 dias por semana para a montanha."

A caminhada que nos preparámos para fazer é um dos percursos mais estudados por Hartasánchez. Iremos atravessar dois vales constituídos por um mosaico de bosque misto (carvalho e faial), mato, e prados utilizados pelo gado no Verão. De seguida atingiremos uma portela, ponto de comunicação natural entre dois concelhos asturianos vizinhos, e terminaremos descendo por uma zona rochosa com abundantes cavidades naturais, local comprovado de hibernação ursina.

A manhã já vai avançada quando nos metemos ao trilho. A possibilidade de observação de mamíferos é por isso baixa, mas tal não preocupa este guardião da vida selvagem asturiana. Tão importante como as observações são os sinais indirectos de presença, nomeadamente pegadas, marcas nas árvores, pêlo ou dejectos.

Enquanto caminha Alfonso responde com entusiasmo às nossas perguntas. Percebe-se que vive intensamente o seu trabalho. Mas a sua concentração está voltada para o meio que nos rodeia.

"Aqui está uma pegada humana feita com uma bota de montanha. Poucas pessoas percorrem este trilho e as que o fazem são ganadeiros que não usam este tipo de calçado. Trata-se provavelmente de um caçador furtivo." - explica-nos - "Acedem até próximo daqui em veículos todo-terreno ou moto-quatro, utilizando uma pista florestal que sobe pela outra vertente da montanha. A única maneira de os impedir é visitar de forma inesperada estas paragens, transmitindo a ideia de que podem ser surpreendidos."

Continuamos a subir pelo trilho enquanto se ouve um pica-pau perfurar o tronco de uma árvore. As informações sucedem-se: pegadas de corço



Fapas - Astúrias

(*Capreolus capreolus*) aqui, excrementos de mustelídeos mais adiante, vão reconstituindo a actividade da variada fauna que percorre este local.

A certa altura uma pequena mancha branca parece mover-se no meio da vegetação. Instantes depois, um, logo dois e finalmente três corços cruzam o trilho um pouco acima do local onde nos encontramos. Param alguns segundos, surpreendidos com a nossa presença, e logo encetam a fuga desaparecendo na encosta oposta.

Ao fim de um par de horas chegámos ao ponto mais alto da caminhada. Trata-se de uma portela, ou seja um pequeno planalto rodeado por cumes elevados.

- "Este é um dos locais mais frequentados pelo lobo." - revela-nos Alfonso - "Constitui um elo de comunicação entre três eixos montanhosos distintos e todos os animais que pretendam deslocar-se para um novo território acabam por passar por aqui."

Enquanto fala aponta-nos para um enorme dejecto de lobo (*Canis lupus*).

- "O excremento é praticamente apenas constituído por pêlo de javali (*Sus scrofa*)." elucida - "Aqui também podem ver a marca de rodados no solo. Infelizmente confirmo as minhas suspeitas sobre a vinda de caçadores furtivos a este local."

Parámos para almoçar. A vista é verdadeiramente impressionante. Altos penhascos desafiam o céu enquanto extensos bosques de folha caduca recobrem as suas bases. O piar das gralhas-de-bico-vermelho (*Pyrrhocorax pyrrhocorax*) é constante e o vôo vigilante dos grifos (*Gyps fulvus*) domina as alturas.

Perguntamos qual a razão para que numa paisagem tão conservada e isolada como os Picos da Europa o urso-pardo já não ocorra de forma permanente enquanto que nesta região Ocidental, mais humanizada e acessível, o plantigrado ainda encontre refúgio.

- "Trata-se de uma pergunta sem resposta fácil." - começa o naturalista - "O factor determinante na ocupação de um território por parte do urso, e também por todas as outras espécies, é a disponibilidade de alimento. Os grandes bosques são fundamentais, contudo apenas são produtivos no final do Verão e no Outono. Para as restantes épocas do ano são necessários os recursos e mosaicos paisagísticos criados pelo homem: os prados mantidos pelo gado são importantes na Primavera, as cerejeiras, as carcaças de animais domésticos, os castanheiros têm também um papel fulcral. Nesta região o urso dispõe desses elementos e pode consumi-los em segurança, pois caso seja necessário oculta-se rapidamente devido ao acidentado do terreno. É por isso que a conservação do urso, e de uma maneira geral de todo o ecossistema, passa não só pelo fim da sua perseguição e por uma consciencialização da sua importância mas também pela manutenção das habituais actividades agrícolas e ganadeiras. A exploração racional do meio deve ser realizada para bem do homem e também da natureza".

É tempo de voltar ao trilho. Descemos agora em direcção a uma aldeia encaixada no fundo do vale.

Alfonso indica-nos algumas pegadas.

- "São de lobo, não há dúvida. Vêm como a terra está a ficar seca nas margens da pegada e ainda se mantêm húmida no centro? Significa que são muito recentes... o mais provável é terem sido feitas esta noite".

Animados pela descoberta prosseguimos a descida. O membro



Fapas - Astúrias



do FAPAS aponta para alguns rochedos que dominam a encosta e esclarece que se trata de um local habitual de hibernação. Atendendo à súbita melhoria meteorológica há possibilidade de um dos animais ter despertado do seu sono e encontrar-se por perto...

Minutos mais tarde Alfonso solta uma sonora exclamação e todos parámos extasiados. Impresso no solo barrento encontra-se um rastro inconfundível de urso-pardo. Hartasánchez começa rapidamente a trabalhar: tira uma fita métrica da mochila e mede as pegadas; fotografa-as; tenta reconstituir o trajecto do animal, o seu peso, a velocidade da passada; assume um ar pensativo; observa as redondezas.

Quando fala fá-lo com a segurança de quem já analisou inúmeras situações similares no passado:

- "Trata-se de um macho de três anos ou uma fêmea de quatro. Pelo espaçamento entre as pegadas pode-se dizer que caminhava em passo acelerado, aproveitando a inclinação do solo. As marcas são muito recentes pelo que neste momento deve estar a descansar num sítio sossegado próximo daqui. Devido ao calor e à espessura actual da sua pelagem acho que se ocultou num sítio fresco, muito provavelmente na vegetação desta linha de água por onde iríamos passar. Para não o incomodar o melhor será tomarmos outro caminho em direcção à aldeia."

Então um dos mais espectaculares mamíferos ibéricos estava ali tão próximo? À memória voltaram-me momentos passados quando num frio anoitecer de Maio tive o privilégio de observar uma urso com as suas duas crias. Nesse momento tinha ficado definitivamente rendido à riqueza e diversidade faunística da cordilheira Cantábrica.

O nosso amigo do FAPAS asturiano observava satisfeito o nosso entusiasmo. Graças ao profundo conhecimento do terreno e do comportamento ursino tinha-nos proporcionado uma descoberta fantástica.

Uma hora mais tarde percorríamos as ruelas empedradas duma dessas típicas aldeias asturianas perfeitamente integradas na paisagem. Terminava assim um dia dedicado à melhor compreensão de dois dos grandes mamíferos selvagens ibéricos e do meio em que se cruzam com o homem, que com eles comparte este frágil paraíso natural. Pelos ensinamentos, por partilhar connosco um pouco da sua enorme experiência, ficamos obrigados a Alfonso Hartasánchez, guardião da natureza cantábrica. **N**

* miguelbarbosa75@hotmail.com



Miguel Dantas da Gama

Medindo pegada de urso-pardo

N.R. As três fotos dos ursos foram recolhidas por Alfonso Hartasánchez no seu controlo automático

O C O N T R O L O F O T O G R Á F I C O



Um dos principais instrumentos de trabalho de Alfonso Hartasánchez é o controlo fotográfico automático. As primeiras experiências ocorreram em 98 mas o seu uso para o estudo da fauna asturiana apenas se iniciou em 2000. Alfonso utiliza diferentes sistemas, como a placa de pressão, os infravermelhos ou os sensores de movimento para activar uma câmara fotográfica oculta. Desta forma conseguiu um álbum fotográfico de mais de dez ursos das montanhas ocidentais cantábricas.

-- "Graças a este sistema tenho uma ideia aproximada do número de ursos, da distribuição por sexos, do estado de nutrição" -- explica-nos.

Uma das principais vantagens deste trabalho é a determinação de áreas críticas, pequenas ilhas na área de distribuição do urso-pardo mas que na verdade estão conectadas. Representam os locais de alimentação, descanso e refúgio invernal e são usadas durante todo o ano. Esta informação é fundamental até porque por esta altura se está a aprovar um novo plano de recuperação do urso. Os dados obtidos permitem com maior eficácia ordenar o turismo e controlar ou mesmo suprimir a caça nos locais mais importantes para o bem-estar desta espécie ameaçada de extinção.

Para além disso as câmaras revelam outras informações preciosas: um corço perseguido por cães assilvestrados, a passagem de caçadores furtivos, a entrada de turistas em áreas restritas.

A razão entre o número de javalis fotografados e ursos fotografados é outro dos pontos importantes. O javali é o principal competidor de alimento do urso na época mais importante do ano: o Outono. Por outro lado os danos que causa nos terrenos agrícolas levam à colocação de laços por parte das populações afectadas, nos quais por vezes caem os

ursos pardos. A solução passa por autorizar a caça ao javali, não na forma de batida, em que participam vários caçadores com cães e em que se fecha uma encosta ou todo um vale com evidente perturbação para o urso, mas na modalidade da espera, em que actua um único caçador com um guarda e que tem uma eficácia similar à primeira.

Enquanto observamos algumas das fotografias obtidas por Alfonso torna-se evidente a diversidade faunística asturiana. Diante dos nossos olhos desfilam imagens de martas (*Martes martes*), raposas (*Vulpes vulpes*), gatos-monteses (*Felix silvestris*), lobos (*Canis lupus*), camurças (*Rupicapra rupicapra*), corços (*Capreolus capreolus*), ginetas (*Genetta genetta*), javalis (*Sus scrofa*), veados (*Cervus elaphus*) ou esquilos (*Sciurus vulgaris*). Não podemos deixar de sentir admiração pelo povo desta terra que soube conservar até aos nossos dias esta apreciável riqueza natural.

M.B.

Para mais informação, consultar o (excelente) site do FAPAS Astúrias: <http://fapas.netcom.es>

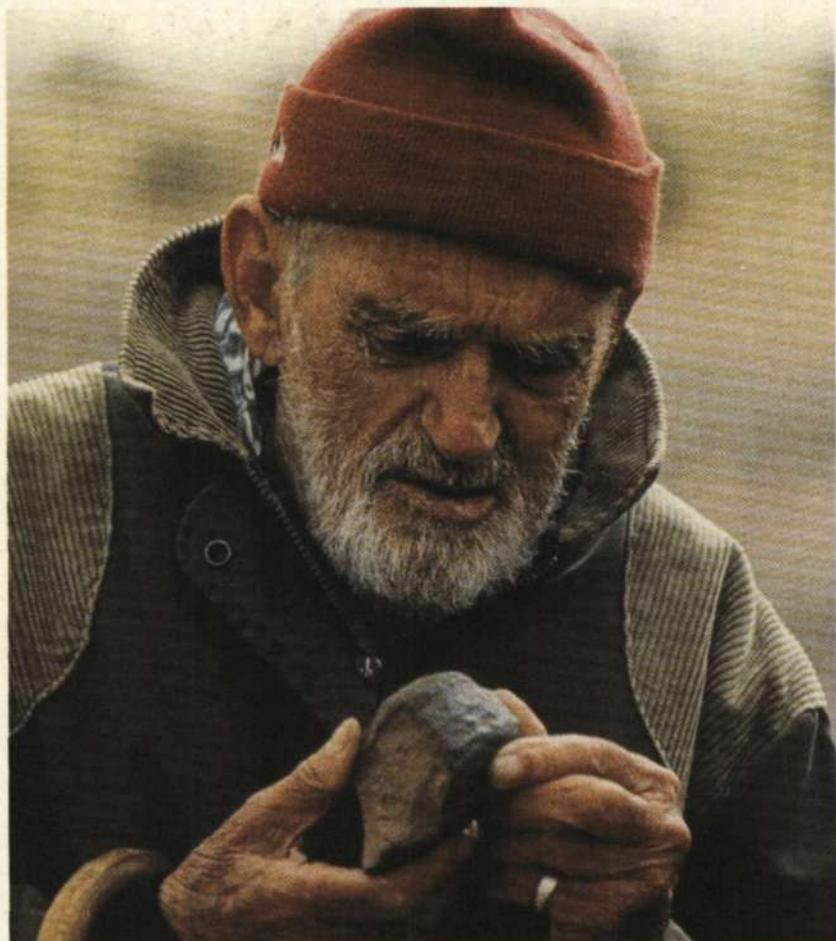


Fapas - Astúrias



Clássicos da Natureza

5 - Théodore Monod, a paixão do deserto



Grande naturalista, ardente defensor da natureza, da paz e dos direitos humanos, Théodore Monod foi ao longo de todo o século XX um sábio interessado por todos os saberes, um viajante incansável e um cidadão sempre activo. Nascido em 9 de Abril de 1902, em Rouen, França, Théodore Monod morreu em Paris com quase 100 anos, em 22 de Novembro de 2000. Ele foi, na expressão de Roland de Miller, «um humanista, aberto às alegrias da contemplação, ao sentimento da unidade do cosmos, ao esplendor do mundo, à simpatia e à piedade por todos os seres vivos».

Com 19 anos ingressou no Museu Nacional de História Natural, em Paris, aonde continuava ainda a dirigir-se todos os dias poucos meses antes de morrer, apesar da quase cegueira que o atingiu nos últimos anos de vida. Naquele mesmo ano de 1921, e após estudos brilhantes, obteve o doutoramento na Sorbonne. No ano seguinte foi nomeado, no mesmo Museu, assistente no laboratório das pescas e produções coloniais de origem animal, de que aliás viria a tornar-se director em 1942.

Um novo deslumbramento

Embora T. Monod se tivesse desde sempre interessado por diversas disciplinas – zoologia, geologia, história e pré-história, arqueologia e botânica –, dedicou-se sobretudo, inicialmente, ao estudo de peixes e crustáceos. Logo após ter sido nomeado para o Museu, partiu numa missão de investigação na Mauritânia, que iria alterar profundamente o seu centro de interesses. É que, no regresso a França, passará por Dacar integrado numa caravana de camelos

e conhece assim o deserto, que o deslumbra. A África passa a ser o objectivo das suas missões de investigação ao serviço do Museu, nos Camarões e Chade (1925-26), de Argel a Dacar (1927-28), no Saara central (1928-30), na Mauritânia e Saara sudanês (1934-35), no Saara ocidental (1935-36). Com a criação do IFAN (Instituto Francês da África Negra), em 1938, T. Monod é incumbido de o instalar e dirigir, o que fez na sede em Dacar mas também criando numerosas estações de investigação na maior parte dos países da África Negra.

É em 1927 que se reforça o seu interesse pelo deserto, com a missão de que o incumbiu a Sociedade de Geografia de acompanhar uma expedição científica através do Saara, de Argel a Dacar, via Tamanrasset e Tombuctu, durante a qual colecionou amostras de plantas e rochas, multiplicou as observações, os registos e desenhos. Em 1934-35 passou quatorze meses nas dunas da Mauritânia e torna-se depois o primeiro homem a explorar o deserto então desconhecido de Tanezrouft, que os mapas do Saara não referenciavam.

Mais expedições

Resistente durante a ocupação nazi da França, T. Monod tomou-se, após a guerra, professor de zoologia com a cátedra de ictiologia (estudo dos peixes) no Museu, continuando entretanto a prestar assistência ao IFAN e a multiplicar as expedições ao Saara entre 1953 e 1964, percorrendo-o em todos os sentidos, em camelo e sobretudo a pé, suscitando a admiração dos homens do deserto pela sua resistência e frugalidade. Nesse deserto onde encontrou fabulosos fósseis marinhos, nas zonas mais áridas do Saara.

«O deserto em si mesmo é muito comovente. Não se pode permanecer insensível à beleza do deserto. O deserto é belo porque é limpo e não mente. A sua nitidez é extraordinária. Nunca se está sujo no deserto.»

«No fundo, terei sido um dos últimos viajantes saarianos do período do camelo. Uma secreta melancolia prende-se às coisas que morrem, quando muito as amámos. É claro, é preciso saber fechar os parênteses, aceitar ser rendido, saber, na ponta dos pés, discretamente, desaparecer nos bastidores.»

«A exploração a camelo, escola de fortaleza e de resistência, deu, creio, o que podia dar. Terminou com algumas proezas de longo curso que ninguém sem dúvida repetirá. A sua função, sem desaparecer completamente, vai perder o essencial da sua importância com a irrupção no deserto de técnicas novas de investigação e, sobretudo, de circulação.»

«É necessário, evidentemente, no fim do capítulo, virar a página e nós iremos virá-la. Nem por isso deixaremos de guardar, nós os saarianos de ontem, quando o nosso deserto cheirar a petróleo, a ardente e quase dolorosa nostalgia do odor que irradiavam os velos doirados das mimosas, desse odor que arrancava a um beduíno, perdido no coração dessa aterradora imensidão sem poços, mas diante do amável verde-azul de alguns tufo de hâd sobre um areal alaranjado, estas palavras "trab mounek"... "ah! que bela terra!"»

(Théodore Monod, *Déserts*, AGEF, 1988, p. 307).



Os escritos e a vida

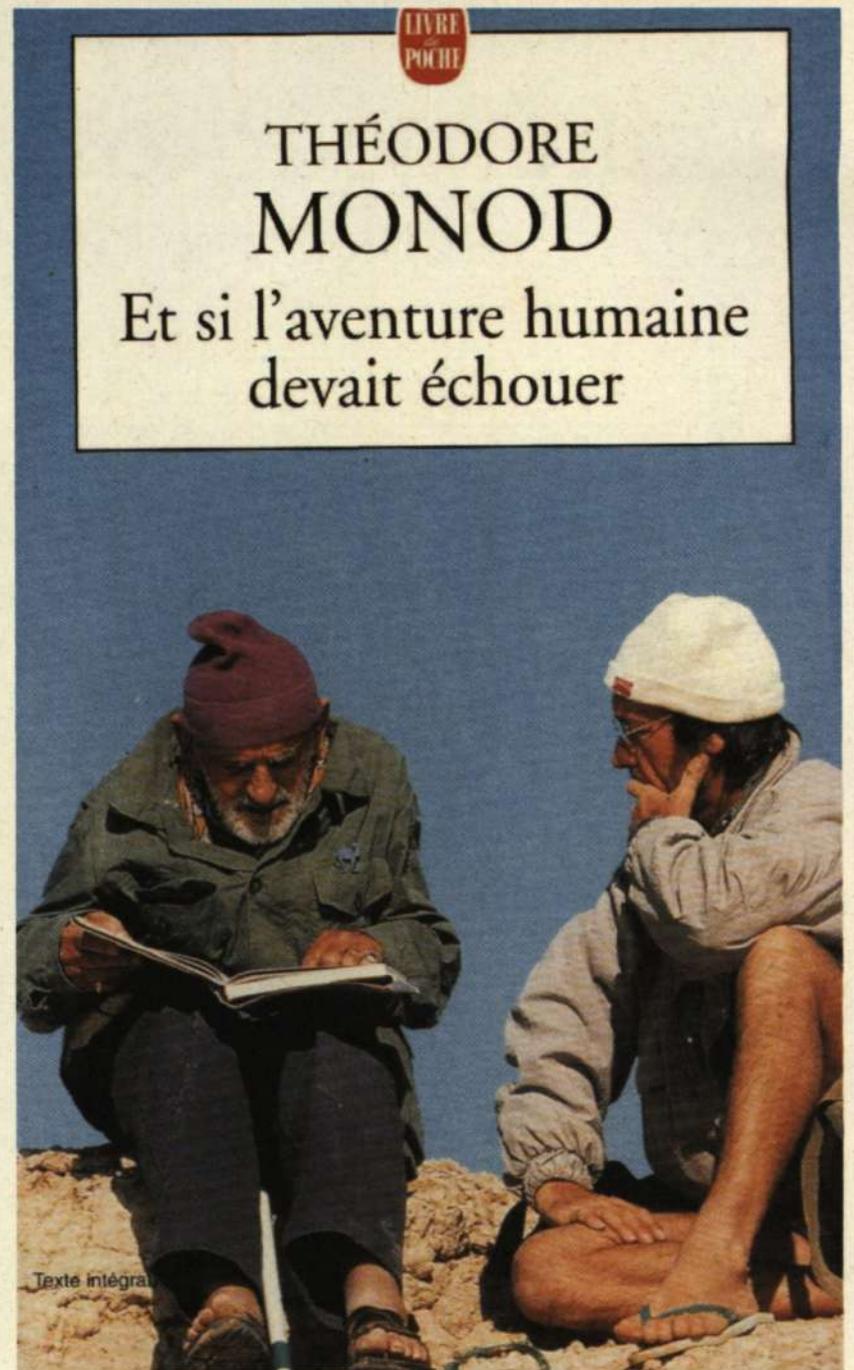
Várias obras de Théodore Monod recolhem a sua experiência do deserto. *Méharées* (palavra que designa as travessias do deserto a dorso de camelo), publicada em 1937 (última versão, em 1989) é um diário de viagem que contém as mais belas descrições do deserto, em especial da vegetação e do *acheb*, a pradaria de plantas efémeras que se segue às súbitas e raras chuvadas. Na sequência de *Méharées*, *A Esmeralda dos Garamantes*, de 1992, inclui as suas reflexões sobre quase um século de vida, de recordações, de viagens, de lutas. Da sua infância, alimentada com a tradição bíblica e fascinada pelo jardim botânico, à sua paixão pelo deserto e pela protecção do ecossistema, este livro consagra o encontro do sábio com o filósofo, realçando o «suplemento de alma» de uma existência colocada sob o signo da espiritualidade e da curiosidade científica. Relata sobretudo a sua vida no deserto entre 1940 e 1951, na região de Aozou (Tibesti) e as grandes travessias do Majâbat al-Koubrâ, nos confins da Mauritânia e do Mali, 250 mil quilómetros quadrados sem um único ponto de água. Em *O Ferro de Deus*, refere a busca de um lendário meteorito gigantesco, que Monod procurou sem êxito ao longo de várias missões, pretexto sobretudo para voltar ao deserto.

Publicado em 1958, o livro *Majâbat al-Koubrâ* é um resumo de um relatório «Contributo para o estudo do Empty Quarter do oeste do Saara». *Le Désert lybique*, de colaboração com Jean-François Sers, retrata as pesquisas em torno de um misterioso vidro líbico, infrutíferas «e ainda bem, pois fica assim, num mundo cada vez menos vasto, um pequeno espaço de sonho para uso de alguns iniciados que guardam zelosamente o segredo», conclui Monod.

Outras obras de T. Monod incluem o relato das suas explorações submarinas em batiscofo a convite do Professor Piccard, entre 1948 e 1954 (*Bathyfolages: plongées profondes*, Julliard, Paris, 1954, reeditado em 1991 por Actes Sud com o título *Plongées Profondes*), a descrição de uma viagem ao deserto do Iémen (*Botanique au pays de l'encens: périple au Yémen*, de colaboração com José-Marie Bel, Bruxelas, 1996), uma obra sobre os deuses africanos (*Dieux d'Afrique*, de colaboração com Roger Bastide, Paris, 1995), e diversas outras, entre as quais livros constituídos por grandes entrevistas, diários e até livros de oração.

O sábio militante

Ao contrário de muitos cientistas, Théodore Monod nunca recebeu comprometer-se publicamente com causas cívicas, mesmo que para isso tivesse que enfrentar a incompreensão e o silêncio da maioria. No próprio domínio do deserto, fundou o Grupo Padak para denunciar o rali automobilístico Paris-Dacar. Para Monod, como disse Albert Jacquard, que com ele colaborou no Padak, o deserto é uma catedral. Não admira que tenha visto o rali como uma profanação, não só da integridade geológica e biológica mas da própria cultura dos povos do deserto. Noutros domínios, Monod, que teve uma profunda educação cristã protestante e que meditava diariamente o Sermão da Montanha, tornou-se um paladino da não-violência. Todos os anos, a 6 de Agosto, aniversário do lançamento da bomba atómica sobre Hiroxima, com um pequeno grupo de militantes não-violentos, fazia uma greve de fome, ou melhor, jejum diante do comando militar atómico de Taverny, em França. Combateu o apartheid e mais recentemente aceitou o convite de Jacquard para apoiar o movimento Direito ao Alojamento. Atitude também rara entre académicos, foi presidente do ROC - Reunião dos Opositores à Caça, vice-presidente da Sociedade Nacional de Protecção da



Natureza e membro do Conselho da Liga Francesa dos Direitos do Animal.

Théodore Monod fez sua a intenção que está na base da filosofia de Albert Schweitzer: a «reverência pela vida». É esse aliás o título de um pequeno livro que reproduz a entrevista que concedeu a Jean-Philippe de Tonnac (Grasset & Fasquelle, 1999). Diz Monod:

«Para Albert Schweitzer, a ética conduzia necessariamente ao respeito de toda a vida.»

«Para o homem moral, dizia Schweitzer, a vida é sagrada em si mesma. Ele propôs o princípio do respeito da vida como base de qualquer moral na sequência de uma espécie de iluminação acontecida quando se encontrava na África Equatorial, em 1915.»

«Esta nova moral do respeito da vida deveria permitir ao nosso pensamento transcender os raciocínios antropocêntricos em que se acantonava até agora para assim descobrir a profunda unidade do mundo vivo e a solidariedade das coisas e dos seres de uma ponta à outra da cadeia dos organismos. É preciso reencontrar aquilo que o homem moderno perdeu desde há muito, o sentido do cósmico.»

«O homem deve apenas descobrir que é solidário de tudo o resto. É experimentando essa solidariedade com os outros seres vivos que nos aproximaremos do Espírito universal.»

«No deserto percebe-se melhor do que nos outros sítios essa origem comum das coisas.» ■

J. Dias Marques

Coordenador da revista *Ar Livre*



No Ano Internacional das montanhas

Quatro quadros para quatro actores em nove séculos de História nas Serras do Noroeste

Alexandra Cerveira Lima*
 Texto e fotos

As montanhas do Noroeste guardam as marcas do que foi o jogo da composição de uma paisagem. Homens que escolheram viver a altitudes que o clima desaconselharia, preparando e armando os solos, criando alianças sólidas com o gado miúdo e grosso e mantendo equilíbrios e disputas com um mundo animal de peixes, aves, pequenos mamíferos e predadores. Para os primeiros séculos dos 900 anos de que tratamos, a estes montanheseiros, a um tempo camponeses, pastores e recolectores de produtos silvestres, juntam-se outros homens que, colocando as suas grandes casas em pontos charneira de ligação entre as terras baixas da Ribeira e as altitudes da montanha, souberam aproveitar com mestria os recursos serranos: os monges de Cister.

A aspereza do clima serrano

Corria o mês de Março, era tanta a neve, que em partes tinha mais de seis palmos de alto, e continuamente caindo com vento muito furioso e no dia nove desse mesmo mês não vieram homens dos lugares vizinhos para cortar as Neves.

Castro Laboreiro, Assento de óbito, Registo Paroquial de 9 de Março de 1819 (1)



Campos nevados das brandas em Castro Laboreiro.



Inverneira em Castro Laboreiro.



O planalto de Castro Laboreiro a norte da freguesia.



A Torre Grande, Lindoso.

Castro Laboreiro, dia 23 de Março do ano de 1793: se achou morto ...no sítio do Piornal, no meio de uma nevada Manuel António, solteiro...da freguesia e couto de Santa Maria de Fiães.

Castro Laboreiro, Assento de óbito, Registo Paroquial

Olhando para os matos que cobrem os ondulados planálticos e se agarram às escarpas graníticas que compõem o horizonte, atentando nas escassas parcelas trabalhadas, a impressão que se colhe é a da dureza climática, da aspereza da terra, da exígua produtividade cerealífera, da pouca diversidade dos frutos. E no entanto, à imagem dos prados de lima que permitem que durante os rigorosos invernos serranos, sob a capa de gelo que cobre os canais ao longo dos campos, o ciclo vital não paralize e a água sulque continuamente as terras, assim também a realidade serrana encerra uma diversidade de recursos de que o homem soube socorrer-se: acrescentou ao cereal e ao gado, de que se aproveitam os produtos secundários – leite e lã - que se usam, se trocam e se vendem, uma panóplia de produtos silvestres que incluem frutos como a ceba ou as bagas dos arandos, e toda uma gama de lenhas e matos apropriados para carvão ou sustento de abelhas que produzirão a cera e o mel, elemento que foi essencial, juntamente com o leite, na alimentação serrana. O leite e o mel, usados sem transformação, são a expressão deste equilíbrio sólido, muito preso aos ritmos da terra, serrano, montanhês.

Os montanheseiros

Maria Rodrigues, viúva de Domingos Gonçalves, do lugar de Bico e Seara...
 Castro Laboreiro, Assento de óbito, Registo Paroquial



Branda dos Portos, Castro Laboreiro.



Varziela, inverneira de Castro Laboreiro.



Branda de Mosqueiros, Soajo.



Branda de Santo António de Vale de Poldras, Riba de Mouro.

A aspereza serrana ditou um tipo de povoamento característico das serras da Peneda e Amarela, o povoamento sazonal. Em Castro Laboreiro a Páscoa passava-se já na branda, junto ao planalto, onde estanciavam homens e gados até que Dezembro, já avançado, forçava a descida ao vale. A ceia de Natal fazia-se no aconchego da inverneira, acolhida em cotas inferiores, que a neve fustigará menos. Por isso os assentos paroquiais registam que Maria Rodrigues foi de Bico, a inverneira, e de Seara, a branda. Noutras paragens serranas são apenas os pastores que partem, pelo Verão, para as alturas serranas. Conduzem os animais que aproveitarão as pastagens naturais e abrigam-se em construções frustes mas duráveis, perenes, compondo pequenos aglomerados que a documentação medieval deixa seguir até aos idos do século XIII. A esta mobilidade sazonal, de raio curto, se acrescentou uma mobilidade de mais largo alcance que procurava alargar os meios de sustento. Para trocas de produtos, para vendas, quando as mulheres *cazadas e solteiras* de Pitões das Júnias iam vender *queijos e manteigas* na cidade de Braga, conforme se documenta para o séc. XVI, ou quando os homens de Castro Laboreiro partiam, em finais do Verão, para Trás-os-Montes, Beira Alta, Castela e Leão, demandando trabalhos sazonais. Os trilhos serranos, fronteiriços, são amiúde cruzados. Os registos paroquiais eternizam tantos trajectos que não alcançaram bom termo.

Aos 18 de Abril ... se achou um nosso irmão, mostrava ser de nação galega e ser de idade de 15 ou 16 anos pouco mais ou menos, no...sítio da Mota da Horzeira, tinha chapéu bem velho, vestido em mangas de colete de branqueta, calças de estopa, camisa ...fraca e sapatos...foi sepultado nos covais desta igreja de Santa Maria de Castro Laboreiro.

Assento de óbito, Registo Paroquial, 21 de Abril de 1811

Os monges

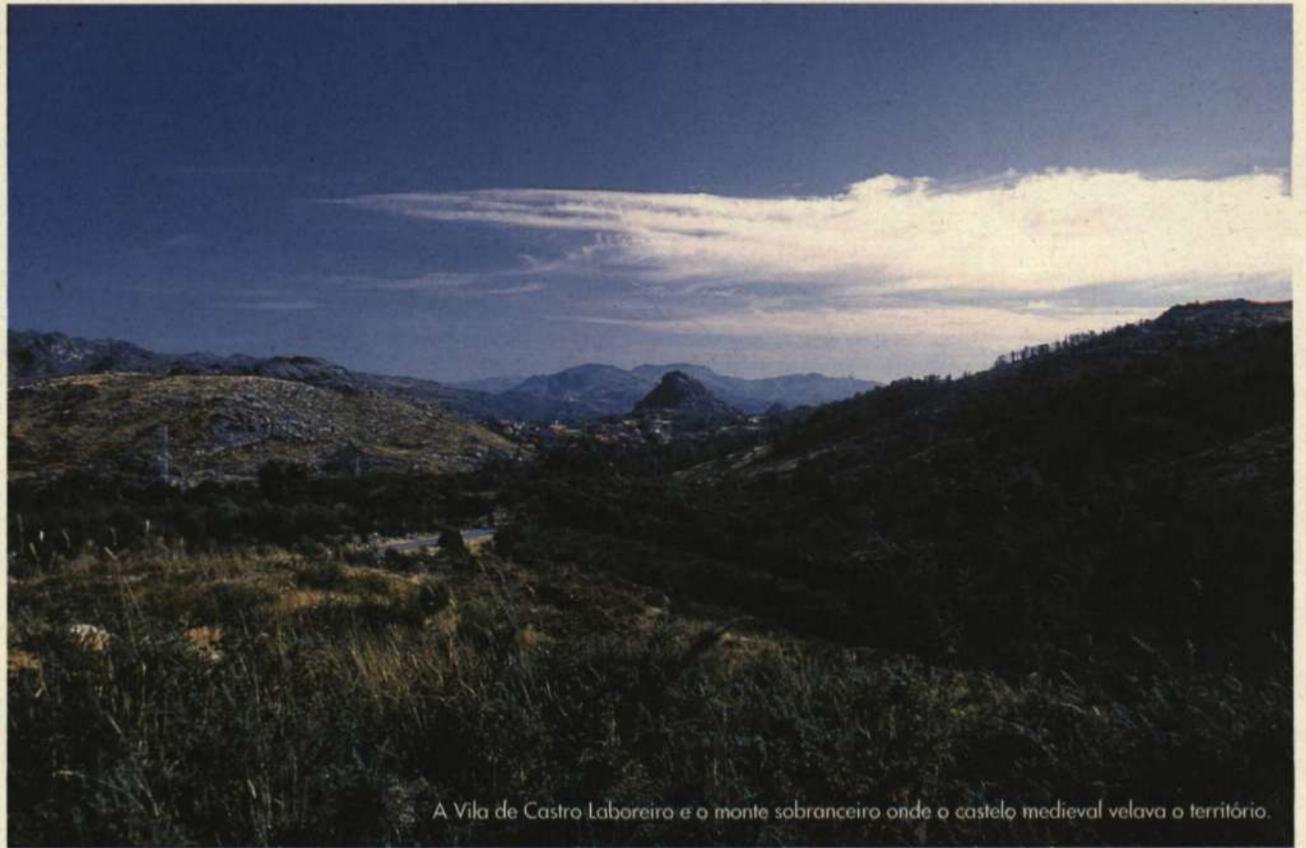
De Fiães a Ermelo, uma via calçada avançava pelo coração da serra, ao longo do vale do Rio da Peneda. A capela de caminho que presidia a este trajecto e terá dado lugar ao Santuário de Nossa

1 Arquivo Distrital de Braga, Castro Laboreiro, Registos Paroquiais.



Senhora da Peneda, sacralizava um percurso referido no século XVI como atravessando montes horrendissimos, patriamque frigidissimam et desertissimam⁽²⁾, por onde certamente o abade de Fiães iria em visita a Ermelo, o mosteiro filiado. Os mosteiros de Cister a Norte do Douro, Fiães, Ermelo, o Bouro e as Júnias, enquadram as montanhas do Noroeste — o maciço do Gerês e a Peneda — ao mesmo tempo que se ligam aos principais cursos de água, o Minho, o Lima, o Cávado. Procuraram tirar o melhor proveito da complementaridade de recursos entre as terras da Ribeira, de cereais, vinha, frutos e pesqueiras, e as pastagens de altitude. Nos vastos territórios das paróquias serranas, ali onde os carvalhais sobem até cotas elevadas, os gados, os matos e as lenhas comporiam o essencial dos recursos explorados. Os mosteiros e a organização do espaço agrário em seu redor, os caminhos calçados, as pontes, testemunham a presença dos monges brancos que ao longo da Idade Média foram ocupando estas áreas montanhosas, periféricas, falhas de gente.

Da subida das terras baixas do Vale do Minho rumo a Sul e às montanhas, se queixava em inícios do séc. XIX o abade de uma freguesia da Ribeira, pois que a cada passo se encontravam feras indomitas que fazem impraticáveis as vias.



A Vila de Castro Laboreiro e o monte sobranceiro onde o castelo medieval velava o território.

Os animais

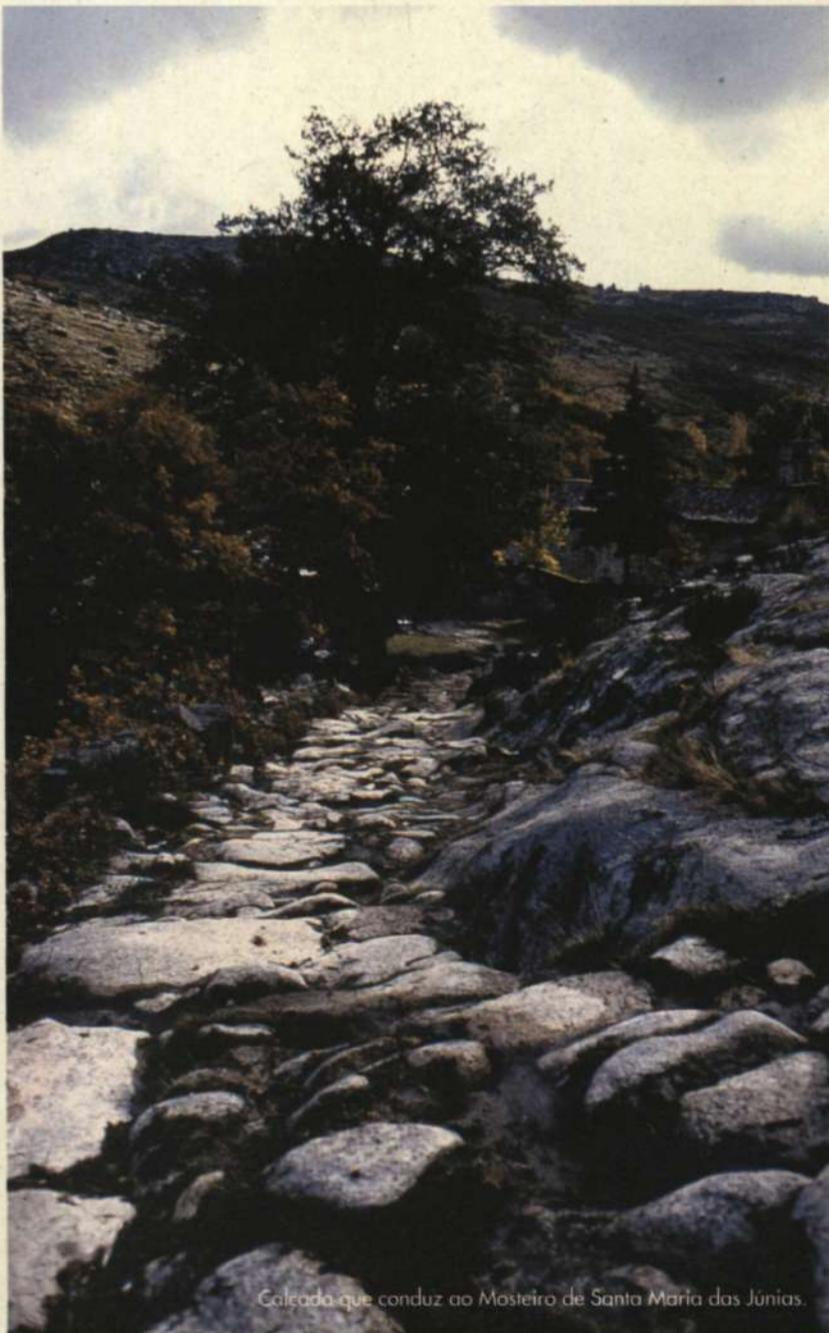
Joze Antonio, menino de 7 anos que vivia no lugar das Cainheiras, inverneira de Castro Laboreiro, faleceu no sítio e limites do lugar dos Portos veranda desta freguesia em 4 de Junho de 1793. Não recebeu sacramento algum por aparecer no monte tragado de um lobo que ainda vivo o tinha esbulhado da carne da cintura para baixo, e dentro em poucos minutos morreu.

Assento de óbito, Registo Paroquial, 21 de Abril de 1811

As extensas áreas incultas forneciam as pastagens e os matos para a cama do gado a quem coube secularmente a função primordial de transformar os matos no estrume que fertilizará os campos — por isso se valorizam no Barroso as terras de encosta que ficam sob os caminhos onde os rebanhos passam e que as águas, no seu percurso descendente, ajudarão a tornar mais férteis. Na hierarquia barrosã, o gado bovino encabeça a ordenação das espécies e nesta valorização pesa sobremaneira o seu uso como animal de tracção, auxiliando no trabalho. Seguem-se as cabras, pela sua magnífica resistência, animal dos espaços agrestes e incultos, cuja reprodução é objecto de uma cuidadosa selecção. Nesta ordenação os ovinos ocupam o terceiro lugar. Em terras barrosãs, todos estes animais se levam para a serra, nas vezeiras, desde o mês de Maio até finais de Setembro. Do São Miguel em diante vão diariamente ao monte se o não impedem os grandes nevões e invernias mais agrestes. O porco, não. Não integra o rebanho e não participa desta trilogia vital que associa terra arável, gado, e área inculta. É por isso o animal que se abate para integrar a dieta humana, é reservatório de carne e de gordura nas terras de montanha.

Dos actores de que falámos, uns desapareceram há muito, outros regridem ainda hoje, sob o nosso olhar: regride a área agricultada, os rebanhos, regride a fauna que por tanto tempo conviveu com o regime agro-pastoril, regridem os predadores que, resistindo à Idade Moderna que não poupou ursos e lincas, puderam chegar a meados do século XX usufruindo de elementos mais frágeis que os pastores conduziam ao monte. Permanecem a imponência do relevo e a aspereza do Inverno, a austeridade dos espaços vazios, a solidez das construções humanas, e a grandeza das paisagens criadas neste jogo de alianças, disputas e conquistas, que por um tempo secular uniu os vários actores que viveram e deram vida às montanhas do Noroeste. **N**

*Arqueóloga



Calçada que conduz ao Mosteiro de Santa Maria das Júnias.

2 BRONSEVAL, Frère Claude de — *Peregrinatio Hispanica. Voyage de Dom Edme de Saulieu, Abbé de Clairvaux, en Espagne et au Portugal (1531-1533)*. Introduction, traduction e notes par Dom Maur Cocheril, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1970.



Félix Rodríguez de La Fuente

uma vida pela natureza

Bernardino Guimarães



© José Projecto (original)

© José Projecto.02.





Muitos dos que adquiriram, desde cedo, a paixão pela natureza selvagem, pelas vastas extensões bravias cheias de mistério e fascínio e habitadas por uma fauna extraordinária, devem esse encontro a um homem: Félix Rodríguez de La Fuente, o prestigiado naturalista espanhol, talentoso divulgador.

A consciência dessa dívida de gratidão pode ser, como é natural, maior ou menor. Mas, para aqueles que leram, com avidez, os moriu mentais volumes de "A Fauna" ou foram espectadores atentos dos seus programas de televisão, dificilmente restarão dúvidas: Félix foi o seu

mentor, mesmo distante, abrindo em espíritos jovens as sendas de um mundo apaixonante. O nosso mundo afinal, ainda quando não nos esforçamos por conhecê-lo melhor.

Félix La Fuente conseguiu, com inegável mestria, unir o conhecimento rigoroso e esforçado da natureza, adquirido no terreno, com a arte de tornar esse conhecimento popular e acessível, através dos meios de comunicação.

Fê-lo, ademais, numa época em que pouco se falava de ecologia, de biodiversidade e de outros termos científicos hoje perfeitamente vulgarizados. Uma geração inteira de naturalistas e defensores da natureza teve neste espanhol multifacetado um inspirador nunca esquecido.

A fauna ibérica, em particular, entrou-nos definitivamente no coração. E quem diria que também aqui, nas velhas paisagens da Península, viviam seres com o carisma do lobo, a discrição do lince, o voo impressionante da águia-real? Revelar, mostrar a espanhóis e portugueses a riqueza e o esplendor do seu imenso património natural, não foi certamente a menor das tarefas que cumpriu, ao longo de uma vida cheia, Félix Rodríguez de La Fuente.

Os seus documentários televisivos, cheios de acção e dramatismo, beleza e inesperado, os seus escritos, onde uma bela prosa transmitia saber e complexidade de maneira simples e escurrita, tudo isso marcou uma época e cativou milhares de pessoas para a necessidade de preservar as belezas naturais, afinal tão ameaçadas e frágeis quanto são parte integrante da nossa vida e da nossa própria existência humana. A começar pelo que existe quase aqui ao pé da porta sem que por vezes o saibamos.

UMA PAIXÃO PRECOCE

... "Oh, lejana y agreste naturaleza de los días de mi infancia: naturaleza viva, palpitante; comprendida e amada por quien hace treinta años iniciaba un camino que le há proporcionado las más emocionantes aventuras e frescas alegrías"...

Félix Rodríguez de La Fuente nasceu na localidade de Poza de la Sal (Burgos) a 14 de Março de 1928. A sua atracção pela natureza parece remontar à infância, e as primeiras incursões pelas cercanias da sua terra natal aconteceram muito cedo, deixando fortes impressões na memória do futuro naturalista.

O seu pai, que era notário local, não acreditava na escolarização desde os primeiros anos da infância, pelo que ingressou no ensino já com 8 anos, coincidindo essa etapa com o início da guerra civil espanhola. Esse triste facto histórico significou, para o pequeno Félix, mais algum tempo de liberdade que o encerramento da escola lhe proporcionou. Nunca lhe foi negada nem a afeição aos passeios ao ar livre, nem as visitas às paisagens agrestes que começavam já a interessar-lhe.

Regressado aos estudos, - e demonstrando grande capacidade de recuperação do atraso inicial-, manifestou interesse pela zoologia mas o pai, prudentemente, sempre o aconselhou a cursar algo de mais sólido e estável, que lhe permitisse ganhar a vida sem sobressaltos. Algo contrariado, Félix seguiu o conselho paterno e, terminado o curso secundário, foi para Valladolid estudar medicina - apesar de tudo, a carreira "segura" mais próxima da biologia.

Os seus anos de estudante universitário passou-os aplicando-se nas matérias o suficiente para tirar excelentes notas, mas gastando todo o tempo livre em saídas de campo para observação dos animais selvagens - data

desse tempo o seu interesse pelos falcões. O grande zoólogo e ecólogo espanhol José António Valverde (que veio a ser um dos promotores do Parque Nacional de Doñana) e que ao tempo vivia em Valladolid, exerceu grande influência sobre o jovem estudante de medicina.

Concluído o curso, resolveu prosseguir a especialização odontológica, talvez uma vez mais por pressão do pai, mas conseguindo notas brilhantes e obtendo mesmo um prémio de pós-graduação.

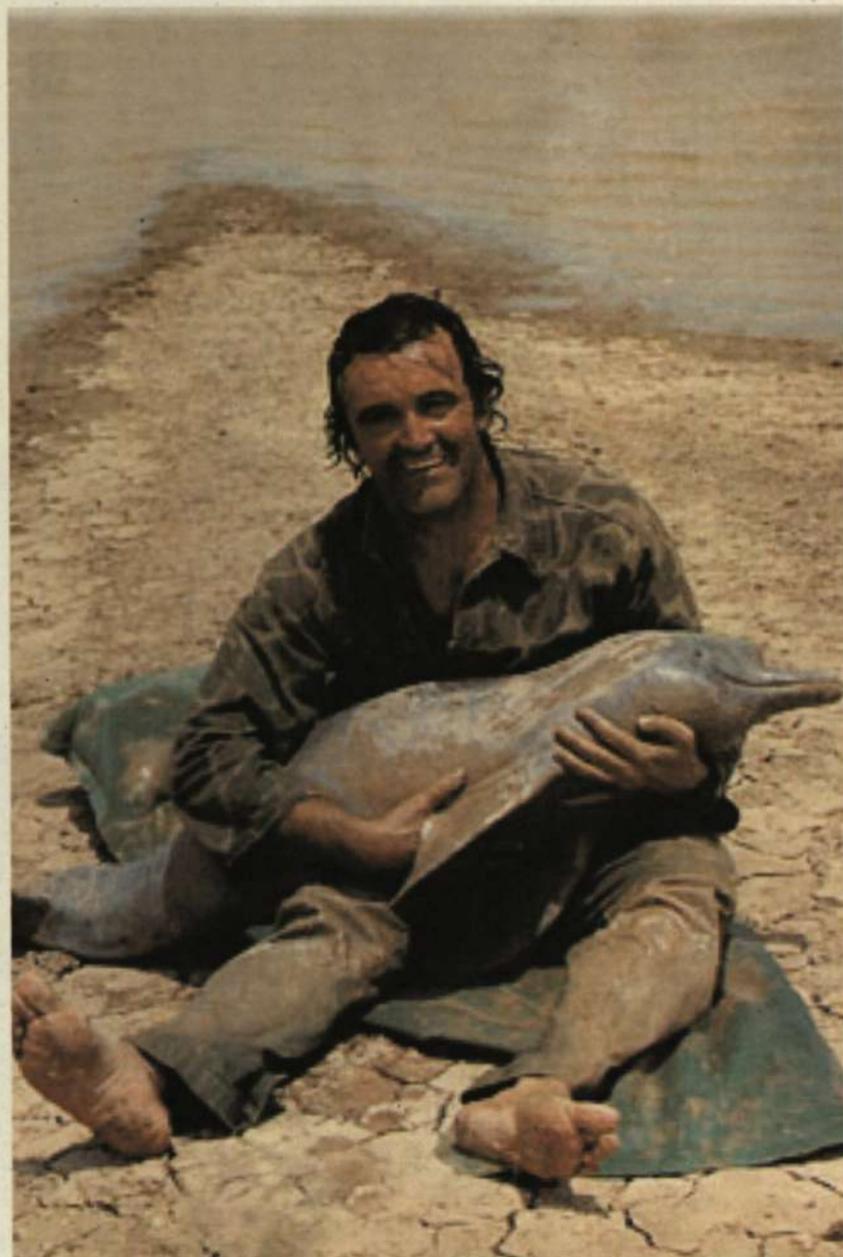
Só que a profissão de dentista não o podia realizar inteiramente. Trabalhou algum tempo numa clínica especializada, mas após a morte do pai, Félix La Fuente decidiu dedicar-se por inteiro à sua verdadeira vocação - o estudo dos animais.

O interesse pelos falcões marcou a carreira de Félix desde o seu início. O estudo, em plena natureza, destas belas aves de rapina levou-o a aprofundar também conhecimentos sobre a velha arte da falcoaria ou cetraria, com firmadas tradições seculares em Espanha. Consultou para tal livros medievais e aprendeu com velhos mestres desta prática que consiste no adestramento dos falcões para a caça. Alcançou tal nível nesta arte, com os seus falcões de várias espécies, que foi convidado para trabalhar no Serviço Nacional de Caça e Pesca com a função de animar uma estação dedicada ao estudo e conservação dos falcões.

Aqui abrem-se parêntesis para uma polémica: certos conservacionistas acusaram, algumas vezes, Félix La Fuente de fomentar e divulgar a cetraria, o que implicava naturalmente a captura de exemplares na natureza para o adestramento. Seja qual for a opinião que se tenha sobre o assunto, convirá que se diga que foi o naturalista espanhol o responsável pelo alerta lançado para a necessidade de proteger todas as aves de rapina - e fê-lo com eficácia, numa Espanha (como em Portugal) onde, até aos anos 70 pelo menos, nenhuma destas espécies fugia à classificação de "daninha" e "nociva" podendo ser abatida ou envenenada à vontade!

DIVULGADOR INCANSÁVEL

A vida de Félix Rodríguez de La Fuente não se resumiu apenas ao estudo dos animais - os falcões, os lobos (outra paixão permanente!) a águia-real ou o lince, sobre os quais escreveu como ninguém. O seu interesse por toda a fauna era patente e compreendeu, talvez com mais



agudeza do que a maioria dos seus contemporâneos, que era imprescindível dar a conhecer a natureza ao grande público, se de facto se pretendia preservá-la na sua enorme diversidade, implicando a boa utilização dos "media".

Félix torna-se o divulgador mais talentoso e mediático da fauna selvagem ibérica (e, posteriormente, de todo o mundo) marcando com essa acção persistente milhares de pessoas. As suas incursões nas serranias e nos bosques em breve iriam ser, invariavelmente, acompanhadas pela maquinaria necessária para filmar e fotografar, o que exigia bons colaboradores, ideias precisas... e uma infinita paciência e gosto pelo risco.

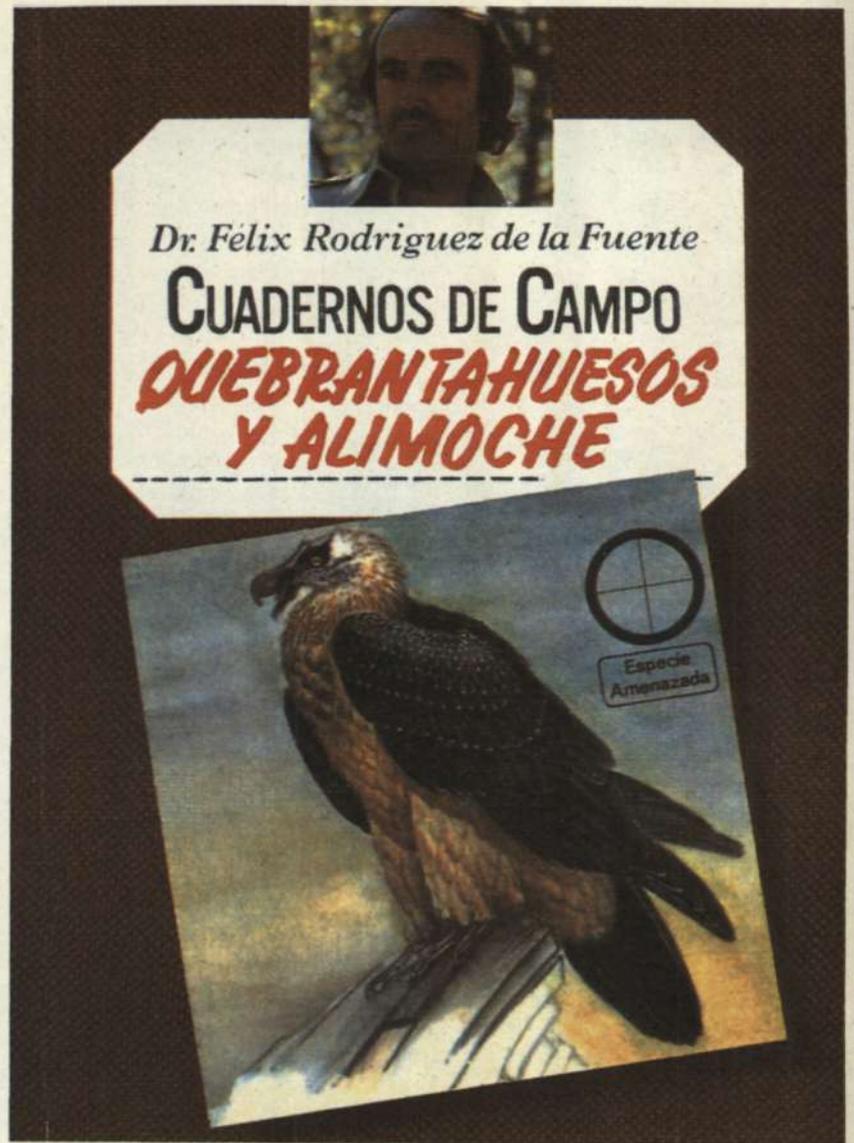
A sua primeira aparição na televisão espanhola, em 1965, com os seus falcões e as suas descrições vibrantes e inteligentes, impressionou logo o público - e mudou a vida de Félix. Desde aí, o seu trabalho identificou-se com uma série de programas televisivos, cada vez melhores e, finalmente, excepcionais. Das suas primeiras séries, como "Imagens para Saber", passando por "Fauna", "Vida Selvagem" e Planeta Azul", culminando com "O Homem e a Terra" (com três séries: sul-americana, ibérica e canadiana) o estilo do divulgador foi-se apurando, até que o domínio das técnicas específicas de comunicação exigidas o guindou, certamente, à categoria de um dos maiores autores de programas de televisão espanhóis. Sem qualquer dúvida, aquele que melhor utilizou o "media" televisivo para dar conta da beleza, da emoção, do trágico que atravessa a existência dos seres vivos no seu "habitat" natural.

Da actividade incrível de Félix Rodriguez de La Fuente, um incansável trabalhador, e da sua equipa jovem e entusiasta, há ainda que não esquecer os livros publicados, e as colecções em fascículos que, traduzidas em 12 línguas (caso da enciclopédia "Salvat de La Fauna") popularizaram também o seu autor e levaram, a tantas pessoas em todo o mundo, o prazer de seguir, pela palavra escrita e pela imagem, o pulsar de uma natureza que não conhece fronteiras... mas oculta segredos fascinantes.

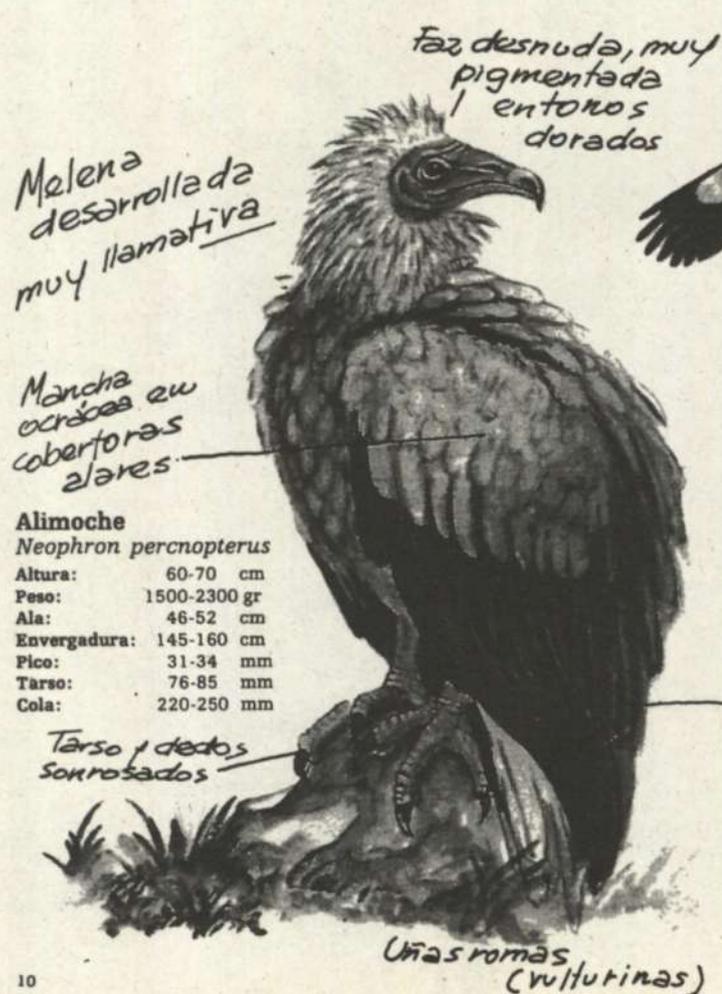
Programas de rádio, artigos na imprensa, conferências, preencheram igualmente um curriculum notável e quase inigualável.

Félix La Fuente, pelo seu dom de cativar, pela sua figura carismática, pela força de convicção que sempre mostrou, ocupou um lugar eminente nas fileiras daqueles que cedo clamaram contra a insensata e trágica destruição da natureza, regredindo em todo o lado num caminho acelerado para o abismo. Mesmo que o Homem possa sobreviver a um tal processo de aniquilação ecológica, a vida humana reconduzir-se-á a um cenário desolado e estéril, indigno de ser vivido. O destino da fauna e da flora acompanha assim o nosso - e só uma tomada de consciência eficaz poderá inverter a tendência para o empobrecimento planetário.

Viajante experimentado, Félix Rodriguez de La Fuente morre em 1980, aos 52 anos, num desastre em que se despenhou a avioneta a partir da



qual filmava uma fileira de cães esquimós, no Alaska. O seu desaparecimento deixou um vazio, porventura não preenchido até hoje. A sua obra recorda-nos uma vida cumprida em plenitude, e um exemplo que marcou muitos de nós, ajudando a revelar um mundo cuja beleza por vezes esquecemos e cuja integridade deveremos preservar para o futuro, com os seres que conosco habitam a precária e intrigante aventura da vida. ■



Alimoche
Neophron percnopterus
 Altura: 60-70 cm
 Peso: 1500-2300 gr
 Ala: 46-52 cm
 Envergadura: 145-160 cm
 Pico: 31-34 mm
 Tarso: 76-85 mm
 Cola: 220-250 mm



Adulto
 Casi totalmente blanco, a excepción de las remiges que son negras. Cara y garganta presentan piel desnuda amarillenta. Plumas de nuca y cuello en forma de crin.

Joven
 Presentan plumajes variables hasta los cinco años, en que adquieren los tonos de los adultos (ver páginas siguientes). Del pardo oscuro al blanco moteado.



À hora do mocho

Raul Lima

Da esquerda para a direita: Júpiter (topo da ilustração), Aldebaran, Saturno, Marte, Vénus e Mercúrio, às 21h30 de 5/4/2002.

A jornada de ida e volta, prestes a concluir-se, fora longa, agora que os cada vez mais extensos dias o permitiam. O corpo sugeria ferozmente um repasto. A mochila pesava como nunca havia pesado antes nesse dia aos ombros do caminhante. O binóculo ao pescoço balouçava de felicidade por saber ter no seu preço a garantia de o seu quase quilo não correr o risco de ser abandonado no trajecto. Os pés imploravam às pernas do seu senhor algum repouso. Os derradeiros olhares para o rio que acompanhava o viajero mais não percebiam que «o leito».

Dir-se-ia assim terminado mais um dia do nosso naturalista amador - compensado porém por fortuitas observações de alguma da fauna que procurara.

Pois que não. Puro engano. O límpido céu de Primavera que o Sol se propunha em breve abandonar garantia uma excepcional e não desperdiçável noite de observação, nesse local afastado dos excessos da iluminação urbana.

Tão vegetarianamente quanto o seu corpo lhe permitiu, repôs-lhe, não longe dali, as calorias perdidas e preparou-o para a noite que entretanto caíra, prestes, finalmente, a dar nocturno uso ao seu binóculo, agora que o céu a olho nu já não tinha tantos segredos como quando começara a observá-lo, e agora que para ele as estrelas têm entre si uma para sempre indissociável relação.

Como prometido, iniciamos então aqui uma série de crónicas dedicadas à exploração do céu nocturno com binóculo. E como estamos a debutar, vamos fazê-lo com uma pequena constelação - porém bem característica da Primavera - que nos permitirá ir treinando a visão de estrelas duplas: Lira. Para a localizar (se ainda tiver dificuldade), recorra, por exemplo, aos números 2 ou 3 da **Tribuna da Natureza (TN)**, onde encontrará os mapas do céu necessários. Alternativamente, procure q nordeste, pelas 22h, uma brilhante estrela branca perto do horizonte (Vega, ou α Lyr - no usual sistema de nomenclatura de Bayer, que recorre ao alfabeto grego) e, com o auxílio do mapa nesta página, reconhecerá facilmente a diminuta constelação.

Vega é, ela própria, a quinta estrela mais brilhante do firmamento (e de grandeza 0.0, conceito que explicaremos com mais detalhe em futura crónica), situando-se a pouco mais de 25 anos-luz. O binóculo - e como já aqui foi dito em anterior Hora do mocho, o binóculo é mestre em revelar a cor das estrelas - desvendará um lustroso branco-azulado num estrelado envolvente fundo. É bom familiarizarmo-nos com ela já que, devido ao movimento de precessão da Terra, Vega terá a posição (e função) de estrela polar dentro de uns 14000 anos mais coisa menos coisa... A edição gigalingue pós-meta-virtual 55990 da **TN** não deixará, por certo, de assinalar com a devida pompa o facto.

A estrela δ Lyr é, de facto, não uma mas um par de estrelas relativamente próximas (δ -1 e δ -2 Lyr), pouco brilhantes mas bem separáveis à vista desarmada, ostentando uma um branco-azulado e a outra um amarelo-alaranjado (sendo esta, na realidade, uma supergigante vermelha, fase da vida de algumas estrelas que prenuncia o fim da vida desses astros). É de notar que não existe qualquer relação entre aquelas estrelas (físicamente falando), encontrando-se apenas por acaso na mesma linha de visão.

A estrela ϵ Lyr é uma outra dupla (tendo a companheira brilho aproximadamente igual) e que permite um conhecido teste de acuidade visual: são separáveis a olho nu. O binóculo já não terá qualquer dificuldade em isolar as suas componentes e a visão vale a pena. Como curiosidade, o sistema é, na realidade, quádruplo! Cada uma das estrelas que o binóculo (ou a boa vista desarmada) separa são, também elas, estrelas duplas, que apenas os possuidores de óculo ou telescópio (uma modesta abertura é suficiente) poderão disfrutar. É um dos mais belos sistemas estelares: sistemas duplos são frequentes, quádruplos menos.

Mais uma dupla nos espera entre Vega e δ Lyr: ζ Lyr, facilmente separável com o binóculo. Por fim, a estrela β Lyr; desta feita, dupla (mas telescópica) e também variável: o seu brilho oscila entre um máximo e um mínimo cada 13 dias, aproximadamente. É uma chamada variável de eclipse: uma outra estrela

(não a parceira telescópica que ainda agora referimos), menos brilhante, orbita em torno da principal; o brilho percepto será máximo quando as estrelas estão lado a lado (duas fontes de luz contribuindo para o brilho total), e mínimo quando uma oculta a outra. Observe-a em várias datas, registre o seu brilho - comparando-o com estrelas vizinhas -, e verificará a sua variabilidade.

Finalmente, a estrela assinalada no mapa (com brilho exagerado, já que não é visível a olho nu, mas é-o com o binóculo) como RR - é a estrela RR Lyr, variável do tipo... RR Lyr, importante classe de estrelas variáveis a que esta deu a designação original. A estrela varia de brilho cada 13h40', por alteração do seu próprio diâmetro.

Ficou assim apresentada, parcialmente, a constelação da Lira, primeira que nos dedicámos a explicar com mais detalhe. Não possui nenhum outro objecto celeste de relevo (a não ser M57, a nebulosa do Anel, para quem tenha um óculo ou um telescópio), mas serviu-nos como introdução à identificação das estrelas, com binóculo, numa constelação (o que requer treino, como irá constatar), e para sensibilizar o olho na detecção de estrelas que, à primeira vista, parecem ser uma só mas, com um olhar cuidadoso, se desdobram em duas.

E agora que está em Lira, tão perto da constelação de Cisne, porque não apontar o binóculo para as estrelas que representam esta ave, situadas em plena Via Láctea? Se nunca o fez, esperam-no milhares e milhares destes astros e algumas nebulosas que, de futuro, identificaremos nestas páginas.

...Finda a noite, o caminhante pôde guardar o binóculo e dar por encerrado, então sim, «um dia» na Natureza.



Constelação da Lira

☉ Sistema Solar neste trimestre

Uma rara e extraordinária conjunção de planetas brindar-nos-á nesta estação. A meio da Primavera Júpiter observará do alto da sua majestática posição os seus súbditos em plena conspiração pós-1º de Maio: Marte, Saturno, Vénus e o quase sempre difícil de observar Mercúrio estarão, por essa altura, tão próximos que conseguirá mesmo, com um binóculo, observar simultaneamente três deles no mesmo campo de visão (o planeta vermelho, o "Senhor dos Anéis" e a então «estrela da tarde», Vénus). A ilustração nesta página representa a posição relativa dos cinco planetas referidos (e ainda a estrela Aldebaran, de Touro, para referência, e para não-confusão com Marte, ambos alaranjados) tal como podem ser vistos pelas 21h 30m do dia 3 de Maio.

Após o dia 4 de Maio Mercúrio começará de novo a mergulhar no horizonte, enquanto Marte e o segundo planeta a contar do Sol se aproximarão gradualmente até quase se tocarem: no dia 10 estarão a meio diâmetro lunar um do outro! Observe-os de noite para noite, à mesma hora e utilize o binóculo para os ver, juntamente com Saturno - este um pouco abaixo mas ainda no mesmo campo de visão.

Um mês mais tarde será a vez de se encontrarem Júpiter e Vénus, os dois mais brilhantes planetas. Observe-os a ONO por volta das 22 h dos dias 1 a 5 de Junho (estarão mais próximos no dia 3).

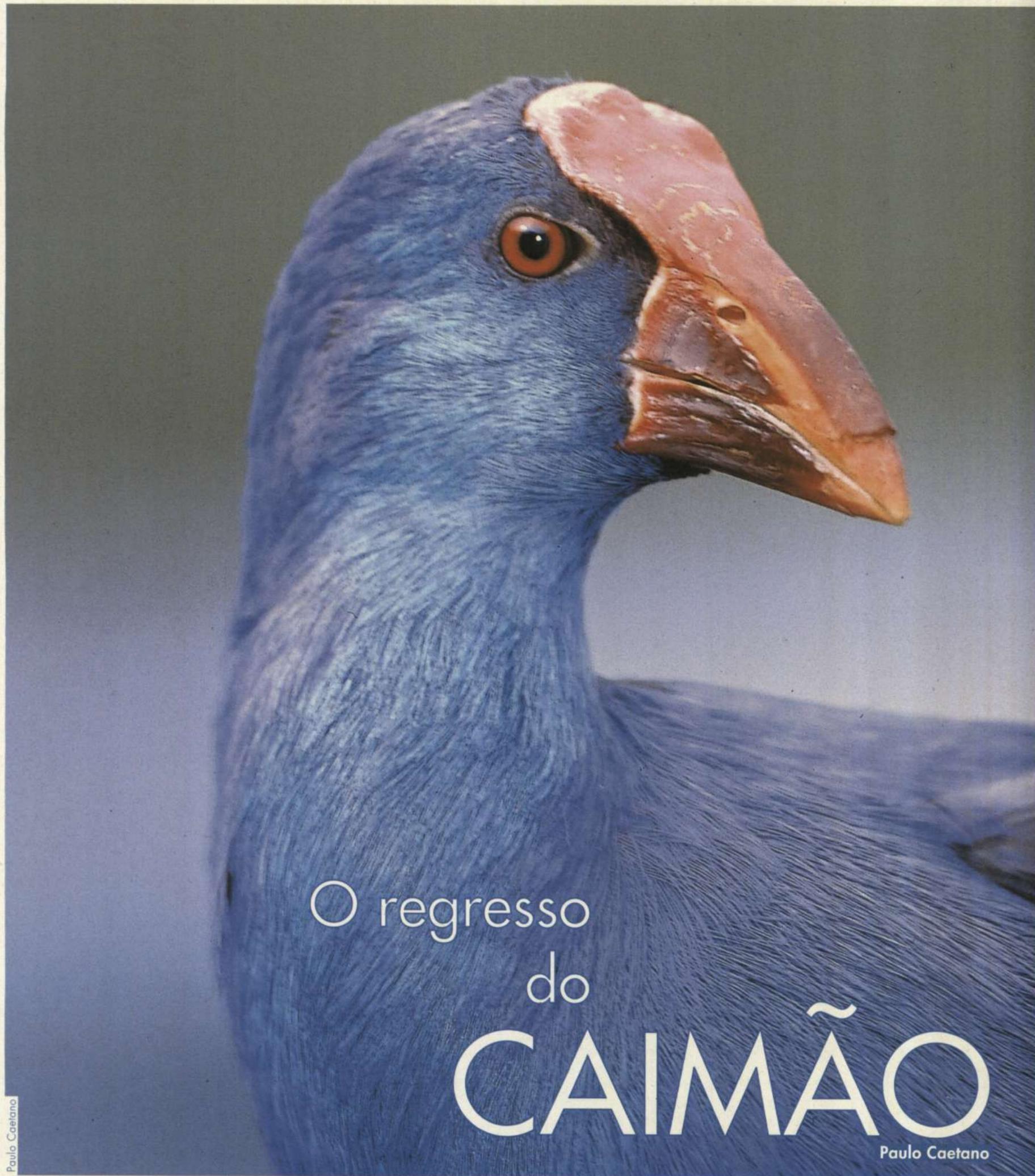
A 14 de Maio procure a Lua em estreito crescente logo abaixo de Vénus e a cerca de um diâmetro lunar de Marte, que estará à sua direita. Use o binóculo!

Cometas: ainda nem a meio vai e como é fértil este ano em descobertas de cometas por amadores - três! Um deles, o cometa C/2002 C1 (Ikeya-Zhang), é, agora, visível a olho nu, mas afasta-se depressa do Sol e, se bem que continuando a ser visível com um binóculo até ao fim da estação, perderá gradualmente o interesse.

Para um outro cometa, o C/2002 F1 (Utsunomiya) não há ainda certezas, na altura em que escrevo estas linhas, quanto ao que dele se pode aguardar; espera-se que atinja uma grandeza suficiente para ser observado a olho nu porém, nessa data, estará muito próximo do Sol o que dificultará a sua visão. Para localização destes dois e para possíveis novos cometas aconselham-se as páginas internet <http://encke.jpl.nasa.gov> e <http://cfa-www.harvard.edu/icq/icq.html>. ■

Raul Lima

Licenciado em Astronomia
rlim31@hotmail.com



O regresso do CAIMÃO

Paulo Caetano

Uma das espécies mais raras está de volta ao Mondego, graças a um projecto de reintrodução único no país.

A água ocupa tudo. Todos os invernos, o líquido lamacento inunda o Paúl da Arzila, nos arredores de Coimbra, cobrindo o caniço e os juncos, os ramos de bunho e as folhas de tabúia. É aqui, neste intrincado labirinto de canas, que uma das aves mais ameaçadas do mundo encontra refúgio seguro.

O caimão - ou galinha sultana, como é conhecida em algumas zonas do país - esteve à beira da extinção. Há cem anos atrás, a espécie

ainda sobrevivia nas principais zonas húmidas, mas a caça excessiva e a fragmentação do seu território provocou o seu desaparecimento acentuado. Até ao seu último reduto, já nas décadas de 70 e 80, nos pântanos da Ria Formosa (ver caixa).

Mas o caimão era uma das espécies mais emblemáticas do Mondego. Desde os romanos, como se comprova nos mosaicos das ruínas de Conímbriga - datados no século I a.c. - onde foram desenhadas quatro destas aves. Até há quem defenda que o brasão da família do poeta Luís de Camões era um caimão, explicando assim a origem do



apelido. E o desaparecimento da espécie é, historicamente, recente. Os biólogos acreditam que os caimões criaram nos paúis do Baixo Mondego até à década de 20 e existem observações confirmadas de animais juvenis ainda nos anos 80 e 90. Os mais velhos ainda se lembram das batidas que, numa barcaça rasa, lhes faziam, mal o azul metálico das suas penas era avistado entre o caniço. O bicho é grande e uma "arrozada" de caimão alimentava uma família numerosa.

Mas esses tempos já lá vão. Os paúis são áreas protegidas, onde a caça é proibida e a vida selvagem encontra abrigo certo. Daí a ideia de devolver o caimão ao Mondego. De onde nunca deveria ter desaparecido. E assim foi: os investigadores do Instituto do Mar da Universidade de Coimbra juntaram-se aos técnicos do Instituto de Conservação da Natureza (ICN) e concorreram aos fundos comunitários. Graças a isso, puderam comprar animais em Espanha e construir um Centro de Reprodução de Caimões. "Libertámos cerca de 70 animais jovens vindos de Espanha. Mas, antes disso, tivemos de melhorar o habitat. Abrimos lagoas novas no Paúl da Arzila e de Madriz, cortámos caniço e plantámos tabúia, que é o seu alimento preferido", conta Cristina Marta, enquanto Ricardo Lopes acrescenta: "Os nove animais que estão em cativeiro já começaram a criar e, graças a eles, conseguimos libertar mais dez caimões nascidos em Portugal."

Os dois biólogos não conseguem disfarçar o seu contentamento. Na última Primavera confirmaram que alguns dos caimões libertados formaram casais e deram à luz novas ninhadas. O que é um sucesso. "Eles formam casais monogâmicos e ocupam territórios, que o macho defende contra a presença de estranhos", conta Ricardo Lopes.

"Os animais, agora, estão seguros. Mas foi um risco trazê-los. Felizmente, as pessoas reagiram bem. Até os caçadores com quem reunimos se comprometeram a não atirar sobre os bichos", sublinha Cristina Marta. E os resultados são animadores. Durante dois anos só apareceram três animais mortos, dois deles caçados por águias. "As crias de caimão, que nascem cobertas de penugem negra, são presas mais fáceis das aves de rapina. Mas essa é uma mortalidade natural", explica a bióloga.

Agora, a prioridade é monitorizar a população existente. E garantir que nada ameaça estes novos habitantes do Paúl. Para isso, a equipa de cinco investigadores - com o apoio dos vigilantes da natureza do ICN - vai ao campo com frequência. Instala o telescópio num ponto alto e vasculha cada metro do paúl, tentando avistar os animais. E, de quando em vez, desamarram a chalupa e percorrem os trilhos alagados do pântano, em busca de "camas" das galinhas sultanas ou de ouvir os seus inconfundíveis gritos. ■



Paulo Caetano

OVOS NO GOLFE

Os três últimos casais de galinha sultana que, durante décadas, conseguiram sobreviver na Ria Formosa estiveram à beira do desaparecimento. As zonas húmidas essenciais para a sua sobrevivência foram destruídas a um ritmo vertiginoso e os locais mais recônditos acabavam, periodicamente, invadidos por uma chusma de turistas barulhentos.

Os animais só tinham duas opções: ou conformavam-se com o espectro da extinção ou buscavam alternativas. E foi o que algumas dessas aves - mais adaptáveis - fizeram. Nas suas deambulações pelas linhas de água das proximidades encontraram amplas zonas verdes, praticamente desertas e com bons locais para construir os seus ninhos. Sem hesitação, instalaram-se. Começaram a abandonar os pântanos do Ludo e a arranjar gravetos nessa imensidão verde.

Para desespero dos ecologistas locais, que durante anos protestaram contra a blasfémia de ter campos de golfe no interior de um Parque Natural. É que, para conseguirem sobreviver, os caimões colonizaram os greens da Quinta do Lago. Um local, até então, reservado ao mais sofisticado jet-set. E o resultado é impressionante: os três casais que criavam na Ria - nos anos 80 - passaram a cerca de vinte. E, graças a estes aliados inesperados, os golfistas podem bater bolas sem temer protestos. ■

P.C.



Paulo Caetano



NESTA PRIMAVERA EM POUCAS PALAVRAS

MADEIRA - O Governo Regional da Madeira está a construir uma estrada asfaltada no Fanal, dentro de uma zona do Parque Natural da Madeira onde, legalmente, "não é permitida a circulação de automóveis" nem "qualquer tipo de poluição, atmosférica ou outra". Segundo técnicos locais, a nova estrada irá atravessar uma "zona de repouso e silêncio" integrada na floresta laurissilva que foi classificada pela Unesco como património natural mundial, sendo portanto objecto de medidas especiais de conservação. A intervenção daquele organismo mundial foi já solicitada pelas associações ambientalistas Quercus e Cosmos. Apesar de o Governo Regional justificar a abertura da estrada com compromissos assumidos há vários anos junto das populações, muitos consideram que a infra-estrutura poderá ter efeitos muito negativos no ecossistema e motivar mesmo a desclassificação da zona pela Unesco. Henrique Costa Neves, ex-director do Parque Natural e vereador da Câmara Municipal do Funchal afirma que a estrada "vai prejudicar o património arbóreo e arbustivo da floresta, criando o perigo de incêndios, além de aumentar o ruído e as quantidades de lixo, o que vai alterar a harmonização natural do sistema, podendo ainda transformar-se numa porta de entrada para espécies vegetais invasoras, um problema mundial que está a afectar a floresta madeirense".

LINCE - Ambientalistas portugueses estão a negociar a compra de vários terrenos no sul do país, para criar um "corredor verde" - um corredor ecológico - que trave a extinção do lince-ibérico, e a ultimar uma associação de protecção a esta espécie.

A constituição da SOS Linx - Associação de Defesa da Fauna e Flora - foi formalizada recentemente, a par do lançamento, em Lisboa, do primeiro livro em português sobre o lince-ibérico.

Eduardo Gonçalves, um jornalista português de ambiente, que escreve para a revista *The Ecologist*, co-autor do livro *O Tigre Algarvio* é também um dos fundadores da nova associação.

Os projectos passam pelo estabelecimento de cooperação com a Worldwide Fund for Nature (WWF) e com financiadores privados para concretizar a criação de um corredor verde no sul de Portugal, que posteriormente deverá ser ligado a Espanha, onde vive a maioria dos lincos-ibéricos existentes.

Para além da necessária aquisição de terrenos nas serras algarvias, procurar-se-á estudar formas de promover o repovoamento do coelho bravo, principal fonte de alimento do lince-ibérico.

Segundo Eduardo Gonçalves, existem actualmente apenas 250 a 300 lincos, dos quais uns dez por cento em Portugal. "Se o lince desaparecer, vamos assistir à primeira extinção de uma espécie felina desde há mais de 2000 anos".

Recentemente, o WWF criticava Portugal por nada fazer para salvar o lince-ibérico e salientava que a cooperação luso-espanhola era reduzida, o que o Instituto para a Conservação da Natureza (ICN) negou.

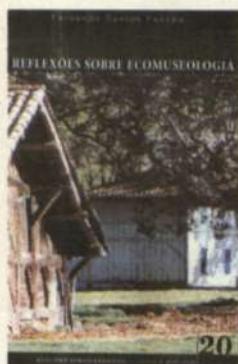
PESCA - Sete em cada dez bancos de pesca em todo o mundo estão praticamente extintos ou gravemente ameaçados - o que terá implicações na alimentação humana - e especialistas em biologia marinha defendem a criação de zonas de protecção marítima.

O biólogo Emanuel Fernandes, especialista em ecobiologia, lança mesmo a ideia de uma espécie de Rede Natura para o mar. Uma tese que é de resto secundada por especialistas de todo o mundo. Estas e outras ideias foram debatidas num colóquio sobre "Ética Ambiental e Desenvolvimento Sustentável", que decorreu no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, em Lisboa.

A situação actual dos ecossistemas marinhos foi descrita como "catastrófica". Cerca de 70 por cento das reservas de peixes em todo o mundo estão afectadas ou com graves problemas de sustentabilidade e a costa portuguesa não escapa à degradação. Muito pelo contrário.

Exemplo disso são os cavalos marinhos, praticamente extintos em Portugal porque a sua fonte de alimentação (uma planta marinha) e o seu habitat estão destruídos. Uma das causas que levou à degradação dos ecossistemas marinhos foi o facto de a pesca se ter tornado cada vez menos selectiva. Pelo que se exigem medidas drásticas, antes que seja tarde. Uma das alternativas à captura de peixe no mar poderia ser a aquacultura, mas Emanuel Gonçalves chama a atenção para a carga poluente dessa prática: "as aquaculturas de salmão no mar do Norte geram a poluição correspondente a uma cidade de três ou quatro milhões de habitantes, por causa das descargas de matérias orgânicas".

Escaparate



"REFLEXÕES SOBRE ECOMUSEOLOGIA"

Antigo presidente do então Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico (antecessor do actual ICN) e figura relevante do ambientalismo português, o arquitecto paisagista Fernando Santos Pessoa apresenta aqui o seu conceito de eco-museologia. Instrumento de enriquecimento das áreas protegidas e de preservação da "diversidade cultural local" a par da biodiversidade.

Autor: Fernando Santos Pessoa
Edição: Afrontamento



"COLECCÃO DE POSTAIS/VIDA SELVAGEM"

Uma belíssima colecção de cinco postais (vida selvagem) representando, através de fotografias de João Cosme Matos, nosso colaborador e fotógrafo da natureza, a coruja-das-torres, a águia-de-bonnelli, o abelharuco, o pica-pau-malhado-grande e o melro-d'água. Uma homenagem às aves sob a forma de postal ilustrado!

Apóios: Liga para a Protecção da Natureza e Natantia.

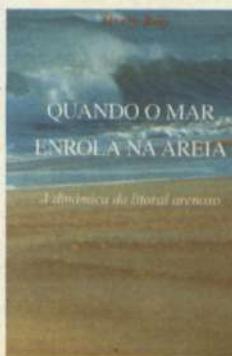
Esta colecção pode ser pedida junto de: LPN - Estrada do Calhariz de Benfica, 187 - 1500-124 Lisboa. Telefone: 217780097 ou joao.cosme@mail.pt



"FAUNA DO CONCELHO DE MIRA"

Inventário, mais ou menos sistemático das 244 espécies de animais vertebrados registados no concelho de Mira entre 1994 e 2001, com comentário relativo a cada espécie. Um trabalho notável e exemplo a seguir, esta obra de João Petronilho, guarda florestal por profissão, naturalista amador e fotógrafo por vocação e paixão.

Autor: João Petronilho
Edição: Câmara Municipal de Mira



"QUANDO O MAR ENROLA NA AREIA - A dinâmica do litoral arenoso"

Com o estado do litoral a que chegámos, vale a pena conhecer esta obra de Álvaro Reis, mestre em ciências das zonas costeiras e ambientalista destacado. Útil para "conhecer primeiro a natureza da faixa litoral, bem como os processos que nela naturalmente decorrem", até para que fique claro "o papel negativo da presença das obras de engenharia implantadas na costa". Entre muitos outros assuntos.

Autor: Álvaro Reis
Edição: do autor
(Pedidos podem ser dirigidos à sede do FAPAS)



Encontros imediatos na NATUREZA

Registo T.N. 11 - Gralha-de-bico-vermelho (*Pyrrhocorax pyrrhocorax*)

Data: 2002. Fevereiro. 08
Local: Serra do Marão.
Hora e duração: Às 16h e 30m surgem durante alguns minutos. Às 17h 30m voltam a aparecer e são visíveis até ao final do dia. Cerca de 150 metros.
Distância:
Condições atmosféricas: Céu pouco nublado com temperatura amena. Vento fraco.
Observadores: Paulo Almeida Santos e Miguel Barbosa.
Outros dados: Caminhávamos próximo da base de uma das escarpas da Serra do Marão quando, a distância considerável, avistámos alguns corvídeos. Os binóculos não permitiram esclarecer qual a espécie em questão. Uma hora mais tarde ouvimos distintamente o piar de gralhas-de-bico-vermelho. Momentos depois surgem novamente os corvídeos mas continuamos a não conseguir identificar a espécie. Assim que as aves pousam na fraga montamos o telescópio esclarecendo finalmente tratar-se de um bando de oito gralhas-de-bico-vermelho. A sua presença realçou a beleza selvagem da Serra do Marão.

Se possui observações relevantes de espécies selvagens (fauna e flora) ou situações insólitas que as envolvam, escreva-nos indicando todos os elementos possíveis para a melhor caracterização do encontro. A sua informação, individualmente importante, revelar-se-á mais ainda quando cruzada e confrontada com outras.

Agenda

Valerá a pena chamar a atenção para alguns eventos importantes que decorrerão ainda este ano, de modo a permitir aos leitores a obtenção de atempada informação/inscrição.

II Congresso Internacional Sobre a Situação da Rede Natura 2000 nos Países Mediterrânicos, Lisboa - 5,6,7 e 8 de Dezembro de 2002.

Contacto: Liga para a Protecção da Natureza, Estrada Calhariz de Benfica, 187, 1500-124 Lisboa, telefone: 217780097, fax: 217783208. E-mail: lpn.natureza@mail.telepac.pt

4º Simpósio Internacional do Javali - Lousã, 19-22 de Setembro de 2002.

Contactos: Universidade de Aveiro, Departamento de Biologia, 3810-193 Aveiro. Telefone: 234370350, fax: 234426408, E-mail: wildboard@wild-boar.org

III Congresso Ibérico sobre Gestão e Planeamento da Água, Sevilha, Espanha - 13-17 de Novembro de 2002.

Contactos: Universidade de Sevilha, c/ Maria de Padilha, S/N, 41004, Sevilla. Telefone: (34)954460251, fax: (34)954556988, E-mail: congresoiberico@us.es

ASSINATURAS

TRIBUNA DA
NATUREZA
 A VIDA SELVAGEM NAS QUATRO ESTAÇÕES

Receba em casa a vida selvagem nas quatro estações

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Localidade _____

Quatro Números: 9 euros • Pedidos a: Tribuna da Natureza

Rua Alexandre Herculano, 371 - 4º Andar Dto. -4000-055 PORTO
 Tel. 22 200 24 72 - Fax 22 208 74 55 • E-mail: fapas@mail.esoterica.pt

Natureza notável

A alameda de Freixos de Marvão

Esta magnífica alameda está situada no concelho de Marvão na estrada que liga este concelho a Castelo de Vide (E. N. 246-1). Em 1997 foi classificada como "Alameda de interesse público" e é formada por 300 **Freixos-de-folha-**

estreita (*Fraxinus angustifolia Vahl*), espécie que se distribui pelo Centro-Este e Sul da Europa.

A quase totalidade das árvores está em bom estado de conservação, existindo exemplares imponentes que chegam a ter cerca de 25 metros de altura. O crescente tráfego de veículos pesados começa a pôr em causa a boa saúde de que gozam, uma vez que danificam os ramos mais baixos e orientados para o interior da estrada bem como as raízes que estão debaixo do pavimento. **N**

Luis Rodrigues
 Cirurgião de árvores
 Luisa Marques
 Bióloga



Luis Rodrigues

TRIBUNA DA N.º 11 Verão 2002

NATUREZA
 A VIDA SELVAGEM NAS QUATRO ESTAÇÕES

No próximo
Verão

Destaques:

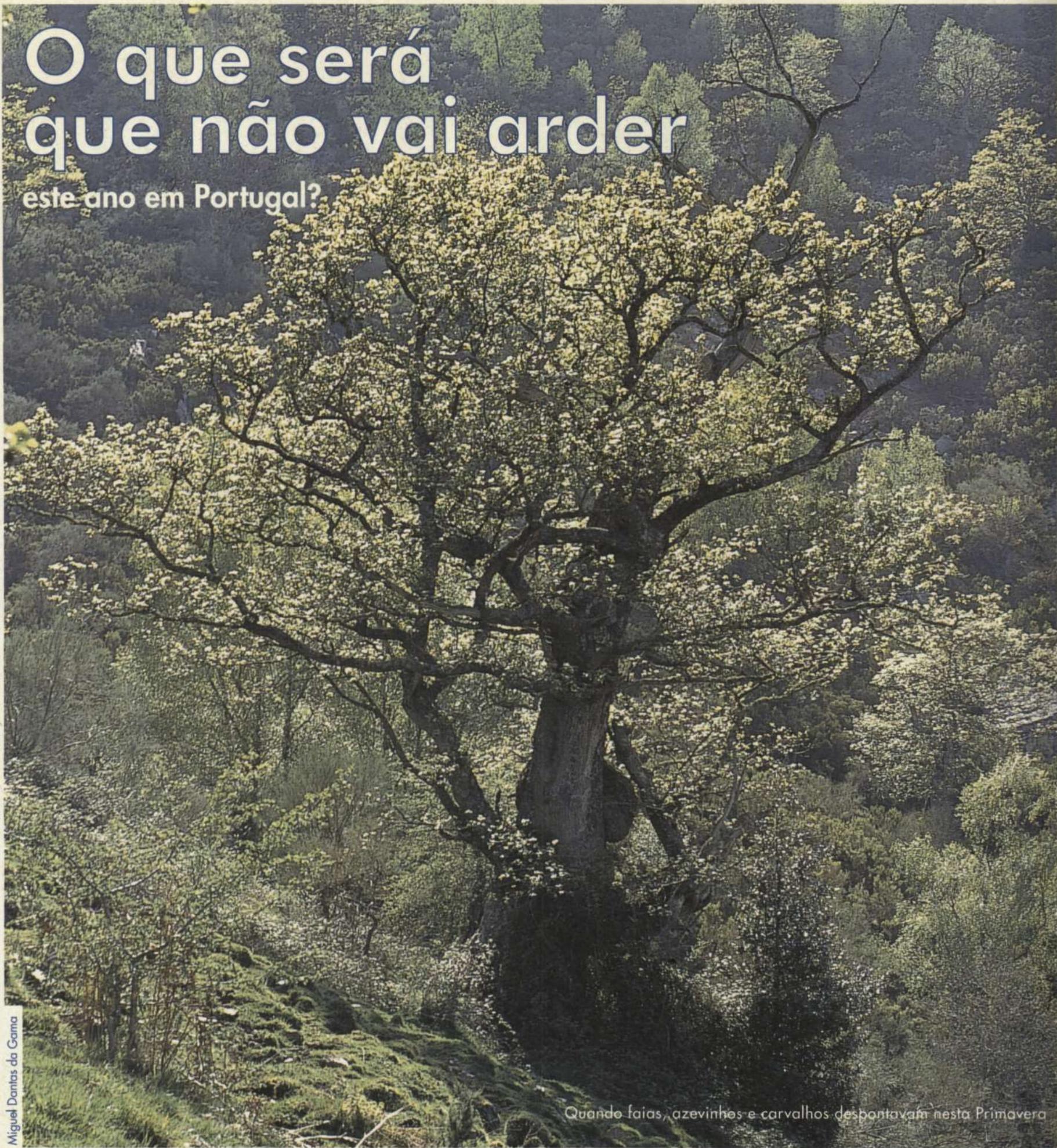
- O povo migrador
- Leituras selvagens (capítulo IV)
- Madagáscar - o paraíso perdido*

* Motivos alheios à nossa vontade impediram-nos de inserir este tema na presente edição



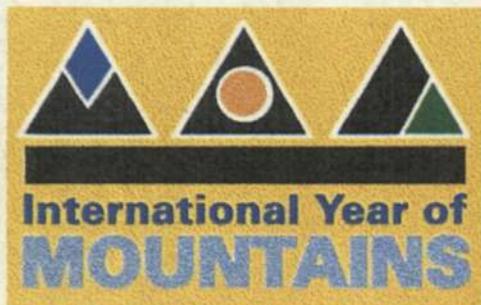
O que será que não vai arder

este ano em Portugal?



Miguel Dantas da Gama

Quando faias, azevinhos e carvalhos desportavam nesta Primavera



O Verão está à porta e com ele o provável reacendimento dos fogos, que em Portugal consomem cada vez menos (verdadeira) floresta, já que esta, há muito, foi sendo substituída por monoculturas estéreis de pinheiro-bravo e eucalipto. O resultado é a – parece que irreversível – perda da biodiversidade. Biodiversidade bem evidente no bosque retratado neste portfólio, precisamente na Cordilheira Cantábrica, um dos espaços que nos inspiraram para a elaboração do Destaque dedicado ao Ano Internacional das Montanhas. Ali, os habitats são mesmo preservados.

Por cá, os incêndios continuam a destruí-los. Uma ocupação desordenada do território, também. Só uma grande mobilização – do Estado, incluindo as autarquias e dos proprietários privados – em torno de um ambicioso projecto de reconversão do nosso coberto vegetal permitiria recriar o que ainda se

confirma naquele exemplar espaço de montanha. A longo prazo, as vantagens deste empenho nacional superariam, em muito, os interesses da conservação da natureza, que especialmente nos preocupam.

M.D.G.

